

Ensaio e Contos Ilustram a Condição da Mulher na Ficção Científica

MEGALON

FICÇÃO CIENTÍFICA & HORROR

ANO X

NÚMERO 50

SETEMBRO 1998



PRÊMIO NOVA

1989 * 1990 * 1992 * 1993 *

1994 * 1995 * 1996

MEGALON

ficção científica & horror

é uma publicação independente e não-profissional ligada à Sociedade Brasileira de Arte Fantástica (SBAF). Tem por objetivos divulgar e desenvolver a ficção científica, horror e fantasia do Brasil. Aceitamos colaborações que ficam sob análise do editor. Os trabalhos publicados ou não, não serão devolvidos e nem fazem jus a qualquer tipo de remuneração. Os direitos autorais permanecem com os autores e os conceitos por eles emitidos não refletem, necessariamente, os do editor.

Ano X Número 50

Setembro 1998

Editor

Marcello Simão Branco

Fundadores

Renato Rosatti

Marcello Simão Branco

Colunistas

Jeremias Moranu

Gerson Lodi-Ribeiro

ENDERECO

Av. Clara Mantelli, 110

04771-180 São Paulo, SP

BRASIL

e-mail: msbranco@uol.com.br

ASSINATURAS

Exemplar avulso por R\$ 4,50

Duas edições por R\$ 8,50

Cinco edições (anual)

por R\$ 21,00

Cheque em nome de
Marcello Simão Branco.

International Subscription

US\$ 10,00 for 2 issues or

US\$ 25,00 for one year (5 issues)

Edição terminada em
23 de agosto de 1998.

índice

ficção

- Uma Bem Quente, Ataíde Tartari 13
- O Furacão Marylin, Jorge Moreira Nunes 16
- Diário del Bigodon, Ivan Carlos Regina 26

especial

- Os Eleitos de Ontem, de Hoje e de Sempre 5

artigos

- A Mulher na FC, Finisia Fideli 10
- Julio Verne, O Precursor..., Hidemberg Frota 21
- Robert E. Howard, Carlos Orsi Martinho 19
- A História em "A Ética da Traição", Carla Cristina Pereira 29
- Futebol F.C., Finisia Fideli 31

seções

- Editoriais:
 - * O Movimento Ainda Não Deslançou 3
 - * Mulher e FC, Uma Relação Incompleta 4
- Diário do Fandom 6
- Publicações Recebidas 8
- Fc Br - Jeremias Moranu
 - * Futebol Fantástico 33
- Terras Alternativas - Gerson Lodi-Ribeiro
 - * Cinema Alternativo 36

ilustrações

- Bubolz 23
- Cesar R.T. Silva 35
- David Egge (EUA) Capa*
- José Carlos Neves 9, 15, 32

* A ilustração da capa é uma concepção artística da superfície de Vênus sob uma chuva de ácido sulfúrico e uma erupção vulcânica.

anúncios

- Biblioteca Essencial da FCB Volume 3 12
- Megalon Online 25
- Megalon Dez Anos 28
- Outras Copas, Outros Mundos **Contra-capa**

Megalon Online:

<http://www.netium.com.br/fnol/megalon.htm>

O Movimento Ainda Não Deslanchou

Há dez anos a comunidade brasileira de ficção científica foi sacudida por um texto publicado no fanzine *Somnium*, do Clube de Leitores de Ficção Científica. O que ele tinha de tão estranho? Estranho nem tanto, mas sim polêmico, ousado, surpreendente. Ivan Carlos Regina publicou o “Manifesto Supernova”. Logo depois seria rebatizado como “Manifesto Antropofágico da Ficção Científica Brasileira”, numa clara alusão à antropofagia de Mário e Oswald de Andrade que mudou a face da literatura e arte brasileira neste século XX a partir da Semana de Arte Moderna de 1922.

Do que consistia o texto panfletário? De algumas das bandeiras do modernismo sim, mas ia além disso, se constituindo num corpo coerente e específico para a realidade incipiente de um gênero literário mal existente no Brasil. Ivan denunciava e criticava o mal estar do Homem frente a transformações sociais e tecnológicas que ele mal compreende e nem sempre vem ao seu benefício existencial e profissional. Uma tese que na verdade nada apresenta de novo em si, um conceito amplamente debatido por filósofos e sociólogos desde há uns vinte anos para cá. E até mesmo pela própria ficção científica de caráter mais social desde os anos 60 e 70.

Outra tese defendida no manifesto foi a que propiciou a grande controvérsia entre os fãs e escritores. E um conceito relativamente óbvio, que não deveria causar tanto espanto: uma ficção científica brasileira, calcada em nossa realidade, em nossa história, cultura e problemas. Desvinculando-se dos paradigmas clássicos da ficção científica que remontam à tradição anglo-americana desenvolvida em todo este século XX.

Estas foram as duas idéias-chave. Não vou contar aqui o que se passou nestes dez anos. O importante a salientar é que o tema foi muito mal discutido, muito incompreendido, e mal aproveitado.

Mal discutido por que muito poucos se dispuseram a fazê-lo. Acostumados à leitura de livros estrangeiros ma boa parte não se importa com uma ficção científica brasileira. Vem com o chavão manjadíssimo: “O que vale é se a história é bem escrita”. Com este autêntico clichê livram a cara de um debate sério que vá além deste lugar comum. Aqueles pouco que defendiam claramente as teses do movimento também não ampliaram a compreensão do que defendiam, se apegando à repetição das teses centrais com uma verbosidade cada vez mais pedante e hermética que no fundo nada acrescentou ao desenvolvimento da idéias inicialmente contidas.

Os críticos do movimento ainda vieram com outra: “Defendemos uma FC com valores universais. O Movimento não é universal é regional”. Uma falácia, pois a base para este argumento utiliza como “universal” o que é dominante em nossa sociedade de hoje extrapolada 100, 200 anos à frente. Ou seja, apenas americanos e europeus conquistarão o cosmos, produziram descobertas revolucionárias na ciência, estabelecerão contatos com seres extraterrestres. A nós, pobres tupiniquins de Terceiro Mundo nos cabe um papel secundário. E este pessoal ainda diz que gosta de FC! Nada mais retrógrado e conservador imaginar o futuro com uma cópia ampliada da realidade de hoje.

Deste baixo nível conceitual de debate ocasionou o vazio em que o movimento caiu ao longo dos anos. Nada se escrevia, muito pouco se debatia. Curiosamente aumentou foi a intolerância daqueles que não gostavam da tese do movimento chegando ao exagero de sugerir um “patrulhamento” dos seus defensores àqueles autores que ousassem escrever histórias sem a brasilidade exigida.

Isso não foi necessário porque o único vigor das idéias iniciais do Ivan foi a apropriação pelos escritores das teses do movimento. Consciente ou inconscientemente praticamente todos os escritores passaram a usar o Brasil e sua realidade em suas histórias. Com maior ou menor êxito, é claro, mas passou a ser um elemento central na elaboração de histórias, seja de FC, fantasia ou horror.

Virou domínio público, passou a ser um patrimônio cultural comum a todos. Mesmo aqueles que não escrevem FC com características brasileiras marca sua posição anti-movimento não deixando de ignorá-lo ou desprezá-lo. Isso porque passou a virar um ponto de referência para todos os autores.

Se o movimento chegou às consciências dos escritores seu papel não foi desperdiçado. Prematuramente ele foi declarado “extinto” em 1995 por seu criador Ivan Carlos Regina. Mas como se o movimento ainda não ultrapassou as fronteiras do gueto em que está o fandom? Para a sociedade brasileira o movimento enquanto tal não existe. Só poderá existir, trazer novos adeptos e críticos quando chegar ao conjunto da sociedade brasileira como um todo. O que temos ainda hoje é uma idéia presa a algumas centenas de pessoas. Isso não é representativo e não acrescenta nada à literatura e à cultura brasileira. E afinal de contas a FC não pode existir apenas nas páginas de fanzines. Isso beira à diletan-

tismo. Não tem ressonância. Acaba se auto-excluindo (extinção) ou adotando um discurso hermético para poucos iniciados, um mero jogo literário-intelectual que satisfaz aqueles que dele entendem e participam, mas é alienante e fora da realidade concreta que o cerca.

A única maneira do movimento crescer, se expandir e ocasionalmente extinguir suas propostas temáticas, literárias e conceituais é chegar à sociedade brasileira. Abrir-se à sociedade. Permitir-se novas experiências, críticas e acréscimos reais às suas idéias.

O grande desafio do movimento, então, depois de uma década não é aumentar seu nível intelectual dentro das estreitíssimas fronteiras do fandom, mas conseguir publicar suas histórias no mercado editorial. Chegar às livrarias, aos cadernos culturais, à universidade e sobretudo aos leitores.

Mas, como sabemos a luta por publicar livros de FC no Brasil é o supremo desafio de um gênero que ainda clama por reconhecimento, espaço, e existência plena na cultura brasileira.

Mulher e FC, Uma Relação Incompleta

A condição da mulher dentro da literatura de ficção científica é um tema recorrente já há uns bons trinta e poucos anos. Isso nos Estados Unidos e alguns cantos da Europa, é claro. Tem sido discutida muito mais no plano teórico e abstrato do que propriamente na ficção dentro do gênero. De uma certa forma, a discussão do tratamento dado à mulher numa literatura tão dominada por homens e calcada predominantemente nas ciências naturais, só poderia ser impulsionada mesmo por ferozes combatentes do sexo frágil, num contexto diga-se ainda, de efervescência social nos contestadores anos 60.

Mas a condição secundária da mulher na ficção científica já se alterou para bem melhor ao longo dos anos 70, 80 e 90, ainda que esteja longe do ideal. Boa parte dos melhores escritores de FC de língua inglesa são mulheres. Já temos hoje algumas personagens femininas marcantes no gênero e várias histórias foram escritas tendo como protagonistas as mulheres. Não só na literatura, como no cinema, TV e histórias em quadrinhos.

Ainda assim, pouco desta perspectiva emergente é apreendida, refletida e experimentada pela ficção científica brasileira. Poucos autores se debruçam sobre o tema — seja em ensaios, seja em contos ou romances — e a maioria das investidas feitas até aqui ainda não foram plenamente plausíveis e verossímeis, com poucas exceções, não por coincidência nas mãos de mulheres.

Uma das autoras que vem se colocando numa posição à frente é Finisia Fideli. Tanto em debates públicos, como em rodas reservadas e mais recentemente, nos seus escritos ela tem defendido uma posição mais equânime da mulher aos escritores brasileiros, a maioria deles ainda tão afeitos a paradigmas obsoletos até para a ficção científica anglo-americana.

Não só ela tem se colocado é claro. Roberto Causo tem partido do ponto de vista feminino em algumas de suas melhores histórias e já contribuiu aqui mesmo no *Megalon* 31 (julho de 1994) com um instigante ensaio. Outros como Jorge Luiz Calife e Miguel Carqueija partem da perspectiva de mulheres lutadoras e idealistas para a concepção de algumas de suas mais interessantes histórias, ainda que, no limite, a mulher em si, seja apenas um veículo secundário da trama das idéias que pretendem discutir. Não querendo esquecer de ninguém, mas já esquecendo, aos poucos, timidamente outros escritores e outras pouquíssimas escritoras têm incursionado em tão incompreendida e inexplorada abordagem dentro da literatura fantástica brasileira.

Esta edição apresenta um ensaio crítico/histórico de Finisia Fideli que ajuda a situar e apontar prioridades para o assunto. Completa o pequeno dossiê, dois contos em que a mulher é o alvo principal da narrativa — ainda que narrada do ponto de vista masculino. Serve de exemplo de como alguns autores e o nosso imaginário vem concebendo a mulher, o que não deixa de servir, numa certa medida, de bem humorado contraponto à algumas teses defendidas pela Finisia.

A condição da mulher dentro da nossa FC pode parecer um tema esquisito, mal colocado, não importante, mas ao pensarmos numa FC vinculada com o mundo em que vivemos e com um viés social em nossa realidade, a perspectiva feminina deve deixar de ser uma mera curiosidade, para entrar na pauta das plenas possibilidades de se alcançar, também por aí, histórias de boa qualidade e uma útil e crível especulação da condição humana, uma das metas mais caras à boa ficção científica.

— Marcello Simão Branco

Os Eleitos de Ontem, de Hoje e de Sempre

Neste último trimestre a exploração do espaço viveu momentos de emoção como há muito não sentia. Não por mais descobertas astronômicas espetaculares do telescópio espacial Hubble, não por evidências de vida em Marte ou Europa, mas por seres humanos arrojados, corajosos, *eleitos*. Os últimos heróis desbravadores de uma saga que está apenas começando. A morte de Allan Shepard, o anúncio do primeiro astronauta brasileiro e o retorno de John Glenn ao espaço aos 77 anos devolve a nostalgia e a aventura da mais fantástica exploração da história: o espaço. Dentro deste contexto a estréia da série *Da Terra à Lua*, produzida pelo ator e diretor Tom Hanks, vem coroar e ilustrar os feitos da corrida espacial. A mais cara série de TV já produzida nos Estados Unidos (com o selo da HBO) revela em doze documentários os bastidores, curiosidades e a parcela mais humana que tecnológica de feitos memoráveis. Acompanhe aqui um breve registro dos três *eleitos*, todos, cada qual ao seu modo, figuras marcantes e pioneiras da última fronteira humana.

Allan Shepard — O primeiro astronauta americano a ir ao espaço morreu em 21 de julho de leucemia aos 74 anos na Califórnia. Shepard foi um dos sete primeiros astronautas americanos, integrantes do Projeto Mercury. Em 5 de maio de 1961, o piloto de provas das Forças Armadas realizou um vôo suborbital que durou 15 minutos na cápsula Freedom 7. Além desta missão histórica, o astronauta foi o quinto homem a pisar na Lua, como comandante da Apollo 14 em janeiro/fevereiro de 1971. Alan Bartlett Shepard, Jr. nasceu em 18 de novembro de 1923 em East Derry, New Hampshire. Trabalhava nos últimos anos como presidente da Mercury Seven Foundations, uma entidade voltada a apoio e cursos para o incentivo do estudo da ciência em alunos jovens. Deixa a esposa Louise Brewer, e a filha Juliana, além da neta Alice.

John Glenn — Volta ao espaço para um novo recorde o primeiro astronauta americano a entrar em órbita. O senador de Ohio, de 77 anos, será o mais velho ser humano a ir ao espaço numa missão da Discovery que sobe ao espaço no próximo dia 29 de outubro. Os médicos e cientistas pretendem estudar os efeitos da ausência de gravidade em uma pessoa idosa. Glenn articulou por dois anos sua volta, organizando seminários e consultando médicos sobre a plausibilidade científica de que os astronautas sofrem os mesmos efeitos que uma pessoa idosa estando sob ausência de gravidade. Problemas tais como, descalcificação dos ossos, alterações cardiovasculares, hormonais e de equilíbrio. Sendo cobaia, Glenn realiza o sonho de voltar ao espaço 36 anos depois de subir a bordo da Friendship 7 em 20 de fevereiro de 1962. Ele deu três voltas ao redor da Terra em 4 horas e 55 minutos. Sua subida é também uma jogada de marketing da Nasa para atrair a atenção sobre seus projetos e inspirar simpatia e apoio da opinião pública americana. Glenn foi o primeiro grande herói da corrida espacial americana. E isto custou caro a ele: Tão popular que foi impedido de subir ao espaço de novo, pelo receio de que um insucesso que lhe tirasse a vida prejudicasse os esforços americanos de colocar um homem na Lua em 20 de julho de 1969.

Marcos César Pontes — Este é o nome do primeiro astronauta brasileiro. Depois de muitas especulações ao longo dos anos 80, finalmente, teremos um brasileiro no espaço já no início do século XXI, possivelmente em missões dos ônibus espaciais e tripulante da Estação Espacial Internacional que deverá estar na órbita da Terra em pleno funcionamento até 2005. O capitão aviador Marcos César Pontes, de 35 anos, 1,68 metro de altura e 73 quilos, paulista de Bauru, que, há dois anos, faz mestrado em Engenharia de Sistemas na Naval Postgraduate School, em Monterrey, Califórnia. Ex-piloto de provas da aeronáutica, o capitão Pontes foi o melhor qualificado em um grupo de cinco oficiais. O País deve consumir R\$ 500 mil, aproximadamente, com o treinamento do astronauta no Centro Espacial Johnson, da Nasa, a agência espacial americana, em Houston, nos Estados Unidos. Até o fim do ano, o governo iniciará os procedimentos para a escolha de um possível segundo astronauta brasileiro. Se no século XX tivemos artistas, jogadores de futebol e pilotos de Fórmula 1 como astros maiores, o próximo século abre a cena com um astronauta (!). Tempo em que o Brasil irá para o espaço. Literalmente. Para sonhos de todos os fãs de ficção científica. Especialmente aqueles que acreditaram em combater a 'Síndrome do Capitão Barbosa'.¹

— Marcello Simão Branco

¹ 'Síndrome do Capitão Barbosa' é uma referência ao descrédito do leitor brasileiro de FC do início dos anos 80 em dar valor a uma história de FCB em que um brasileiro pudesse estar na ponte de comando de uma nave espacial. À época acreditava-se que isso não só era inverossímil, mas também impossível de acontecer um dia.

DIÁRIO DO FANDOM

NACIONAL

□ **FC com a bola nos pés** — Foi lançada em 26 de junho no Rio de Janeiro a antologia *Outras Copas, Outros Mundos*, organizada por MARCELLO SIMÃO BRANCO para a editora Ano-Luz. Teve a presença de aproximadamente 100 pessoas, entre as quais do antologista e dos autores GERSON LODI-RIBEIRO, BRAULIO TAVARES, OCTÁVIO ARAGÃO, FÁBIO FERNANDES, ATAIDE TARTARI, CARLOS ORSI MARTINHO, ADRIANA SIMON. O evento aconteceu na Livraria Berinjela, no centro da cidade. Vários fãs e personalidades ligadas à FCB lá estiveram. Está nos planos uma noite de autógrafa em São Paulo, Jundiaí, Santos e região do ABC a partir de setembro.

□ **Jogo embolado** — A editora Ano-Luz está encontrando dificuldades de negociar com uma distribuidora a presença do livro nas livrarias. Elas alegam que o livro precisa ser antes divulgado na imprensa. Assim, a Ano-Luz conseguiu uma nota no "Caderno Idéias/Livros" do *Jornal do Brasil* de 11 de julho, uma resenha no mesmo dia na *Tribuna de Imprensa*, também do Rio. O livro foi noticiado na revista *Placar* do mês de agosto e MARCELLO SIMÃO BRANCO e ATAIDE TARTARI deram entrevista no programa "Imprensa e Opinião em Debate", da Rádio Bandeirantes AM de São Paulo no dia 9 de agosto. Enquanto isso os leitores devem procurar diretamente a editora para comprar o livro. O preço é R\$ 18,00. Escreva para Caixa Postal 375 - CEP 09001-970 - Santo André - SP ou e-mail: anoluz@hotmail.com. Ou então fone/fax: (011) 414 6026.

□ **Novos projetos** — Enquanto isso a Ano-Luz planeja novos livros para os próximos anos. A antologia "Sexo e FC", organizada por GERSON LODI-RIBEIRO, uma antologia "Horror Brasileiro", a cargo de MARCELLO SIMÃO BRANCO e

uma antologia de história alternativa tendo como foco os 500 anos de descobrimento do Brasil, organizada por GERSON LODI-RIBEIRO e CARLOS ORSI MARTINHO. Esta última é prioritária, e aceita trabalhos até 31 de março de 1999. O romance de horror alternativo *Anno Dracula*, do inglês KIM NEWMAN também está nos planos.

□ **Ano-luz edita o seu livro** — Outra iniciativa desta editora é editar livros pagos por autores. Estes apresentam a obra, recebe o orçamento, paga e a editora cuida da edição e impressão. Se forem livros de FC, fantasia ou horror podem ter o selo da editora. Caso seja livro de outro assunto qualquer sai com o outro selo da editora, a Pecas. Interessados em mais detalhes entre em contato nos endereços divulgados em nota anterior nesta página.

□ **Cordel** — BRAULIO TAVARES lançou pela editora 34 o livro *A Pedra do Meio-Dia ou Artur e Isadora*, literatura de cordel para crianças com viés fantástico. O lançamento aconteceu no dia 23 de agosto em São Paulo, dentro de um ciclo de palestras sobre literatura e folclore popular. O livro recebeu boas resenhas em jornais de São Paulo.

□ **Pulp Fiction** — BRAULIO TAVARES também publicou dois importantes ensaios no *Jornal da Tarde*, de São Paulo, no mês de julho. O primeiro sobre a prosa em João Cabral de Melo Neto e o segundo um ensaio sobre as origens e influência da literatura de Guimarães Rosa, "A Pulp Fiction de Guimarães Rosa". Este texto defende a tese de que originalmente Rosa escrevia fantasia e FC, depois partindo para o estilo roseano, tão próprio e único na literatura brasileira.

□ **Vampiros em Portugal** — o editor da Editorial Caminho, de Portugal confirmou ao autor GERSON LODI-RIBEIRO que seu livro *O Vampiro de Nova Holanda* deve ser publicado dentro da coleção de FC&F da editora até o fim deste ano.

Será o segundo livro de LODI-RIBEIRO pela editora em dois anos! Ano passado saiu a coletânea *Outras Histórias...*

□ **Cascais** — Enquanto isso, LODI-RIBEIRO viaja a Portugal como um dos convidados do "III Encontro de FC de Cascais na Periferia do Império." O tema deste ano é "fronteiras" nas mais diferentes áreas do conhecimento. Também ROBERTO DE SOUSA CAUSO foi convidado. Mais alguns fãs brasileiros se articulam para comparecer. O evento ocorre de 20 a 27 de setembro e terá a presença de personalidades como CHARLES N. BROWN (editor da *Locus*), e dos autores KIM NEWMAN, STEPHEN BAXTER e ROBERT HOLDSTOCK, entre outros.

□ **Causo acerta edições** — Depois de estar com a antologia *Estranhos Encontros* pronta para a editora Lemos, esta cancelou o projeto da coleção Scorpio. ROBERTO DE SOUSA CAUSO foi à luta e acertou com a M&C Editora a publicação da antologia. Além disso vai sair por esta editora, a sua novela *Vão Sobre o Mar da Loucura* em edição de bolso e venda em bancas pela mesma editora, iniciando uma coleção de FCB em bancas. Deve circular em setembro.

□ **Dramaturgo** — O escritor e tradutor FÁBIO FERNANDES é agora também dramaturgo. Ele assina o roteiro da peça *Pêra, Uva, Maçã*. Fala sobre duas irmãs que se encontram depois de muitos anos e lavam a roupa suja. Apesar do título aparentemente infantil, a peça é adulta. Tem direção do ator global LUIZ FERNANDO QUEIROZ e está em cartaz no teatro Villa Lobos, no Rio. Fernandes promete para breve uma peça de ficção científica.

□ **Todo o fim do nada** — O editor e colecionador RUBY FELISBINO MEDEIROS reuniu em um único volume todas as edições do fanzine *Notícias do Fim do Nada*. O resultado pode ser conferido ao preço

de R\$ 36,00. A *Coletânea... do Fim do Nada* tem 314 páginas. Reúne 85 contos e 75 ilustrações publicadas. Os exemplares serão montados apenas sob encomenda. Peça o seu: Rua Comendador Azevedo, 506 - Porto Alegre - RS - CEP 90220-150.

□ **Nova no Essencial** — À disposição também o terceiro volume da Biblioteca Essencial da Ficção Científica Brasileira, coordenada por ROBERTO DE SOUSA CAUSO. O livro é *Prêmio Nova de Ficção Científica: Os Primeiros Dez Anos*, com edição de MARCELLO SIMÃO BRANCO. Contém os 16 trabalhos de ficção brasileira premiadas até hoje, mais ensaios do editor, de Causo e de CESAR R.T. SILVA. A lista de todos os vencedores do Nova em todas as categorias também está incluída. Edição em capa dura. Também aqui os exemplares são montados de acordo com a encomenda. R\$ 32,00 vale o investimento em uma obra fundamental para o entendimento da evolução da FCB. Pedidos com Edgard Guimarães - Rua Capitão Manuel Gomes, 168 - Brasópolis - MG - 37530.

□ **Colin Wilson** — O escritor OCTÁVIO ARAGÃO está acertando a vinda do renomado escritor inglês COLIN WILSON ao Brasil no primeiro semestre do ano que vem. Autor de obras como *Parasitas da Mente*, *Vampiros do Espaço* e *O Oculto*, Wilson daria palestras sobre FC, horror, filosofia e ocultismo, suas especialidades. O evento deve ser organizado no Rio de Janeiro. Ufal Até que enfim os cariocas podem promover um evento de FC.

INTERNACIONAL

□ Prêmios:

⇒ Hugo 1998

- * **Romance:** *Forever Peace*, Joe Haldeman (Ace);
- * **Novela:** "...Where Angels Fear to Tread", Allen Steele (Asimov's);
- * **Novelista:** "We Will Drink a Fish Together...", Bill Johnson (Asimov's);
- * **Conto:** "The 43 Antarean Dynasties", Mike Resnick (Asimov's);

- * **Não-Ficção:** *The Encyclopedia of Fantasy*, edição de John Clute e John Grant (Orbit; St. Martin's);
- * **Filme:** *Contacto (Contact)*, direção de Robert Zemeckis (Warner Brothers);
- * **Editor Profissional:** Gardner Dozois;
- * **Artista Profissional:** Bob Eggleton;
- * **Semi-Prozine:** *Locus*, Charles N. Brown, editor;
- * **Fanzine:** *Mimosa*, Nicki & Richard Lynch, editores;
- * **Escritor-fã:** David Langford;
- * **Artista-fã:** Joe Mayhew;

⇒ **John W. Campbell** para Melhor Autor Novo (1996-1997): Mary Doria Russell.

⇒ **John Campbell Memorial** *The Forever Peace*, Joe Haldeman.

⇒ **Theodore Sturgeon Memorial** "House of Dreams", Michael F. Flynn (Asimov's).

* O Campbell Memorial premia o melhor romance de FC do ano e o Sturgeon Memorial o melhor conto. Os vencedores são escolhidos por um júri coordenado pelo escritor e diretor da J. Wayne e Elsie M. Gunn Center for the Study of Science Fiction, James Gunn.

⇒ **Arthur C. Clarke** *The Sparrow*, Mary Doria Russell. Entregue ao melhor romance publicado primeiramente na Grã-Bretanha em 1997.

⇒ **Bram Stoker 1998**

- * **Romance:** *Children of the Dusk*, Janet Berliner e George Guthridge (White Wolf);
- * **Romance de Estréia:** *Lives of the Monster Dogs*, Kirsten Bakis (Farrar Straus Giroux);
- * **Ficção Longa/Novelista:** "The Big Blow", Joe R. Lansdale (*Revelations*, HarperPrism);
- * **Conto:** "Rat Food", Edo van Belkom e David Nickle (*On Spec*);
- * **Coletânea:** *Exorcisms and Ecstasies*, Karl Edward Wagner, edição de Stephen Jones (Fedogan & Bremer);
- * **Não-Ficção:** *Dark Thoughts: On Writing*, Stanley Wiater (Underwood);
- * **Conjunto da Obra:** William Peter Blatty e Jack Williamson.

⇒ **Locus 1998**

- * **Romance de FC:** *The Rise of Endermion*, Dan Simmons (Bantam Spectra);
- * **Romance de Fantasia:** *Earthquake Weather*, Tim Powers (Tor);
- * **Romance de Estréia:** *The Great Wheel*, Ian R. MacLeod (Harcourt Brace);
- * **Novela:** "...Where Angels Fear to Tread", Allen Steele (Asimov's);
- * **Novelista:** "Newsletter", Connie Willis (Asimov's);
- * **Conto:** "Itsy Bitsy Spider", James Patrick Kelly (Asimov's);
- * **Não-Ficção:** *The Encyclopedia of Fantasy*, edição de John Clute e John Grant (Orbit; St. Martin's);
- * **Livro de Arte:** *Infinite Worlds*, Vincent di Fate (Penguin Studio);
- * **Coletânea:** *Slippage*, Harlan Ellison (Mark V. Ziesing; Houghton Mifflin);
- * **Antologia:** *The Year's Best Science Fiction: Fourteenth Annual Collection*, Gardner Dozois, editor (St. Martin's);
- * **Editor Profissional:** Gardner Dozois;
- * **Artista Profissional:** Michael Whelan;
- * **Revista:** *Asimov's*;
- * **Editora:** Tor.

□ **FC nos 100 melhores** — A editora americana Random House pediu a um grupo de críticos e escritores que escolhessem os 100 melhores romances em língua inglesa do século XX. Entre os selecionados, cinco são de ficção científica. A lista dos dez primeiros:

- 1) *Ulysses*, James Joyce;
 - 2) *O Grande Gatsby*, F. Scott Fitzgerald;
 - 3) *Retrato do Artista Quando Jovem*, James Joyce;
 - 4) *Lolita*, Vladimir Nabokov;
 - 5) *Admirável Mundo Novo*, Aldous Huxley (o primeiro de FC);
 - 6) *O Som e a Fúria*, William Faulkner;
 - 7) *Ardil 22*, Joseph Heller;
 - 8) *Darkness at Noon*, Arthur Koestler;
 - 9) *Filhos e Amantes*, D.H. Lawrence;
 - 10) *As Vinhas da Ira*, John Steinbeck.
- Os outros quatro romances de FC e suas colocações são: 1984, George Orwell (13); *Matadouro Número 5*, Kurt Vonnegut, Jr. (18); *A Revolução dos Bichos*, George Orwell (31) e *A Laranja Mecânica*, Anthony Burgess (64). Percebe-se que todos estes romances não são considerados FC pela crítica mainstream.

Publicações Recebidas

GALILEO. Editor: Juan Carlos Verrechia. Ano 6, número 12, abril 1998, formatinho, 48 páginas, mais capas cartonadas. Fanzine argentino voltado a contos. Esta edição tem cinco, mais o excelente ensaio do crítico Pablo Capanna sobre a idéia de utopia neste fim de século e como a FC expandiu o conceito. Carta de Horácio Moreno, um dos principais fãs e editores argentinos, mostra a situação difícil da FC argentina. Problemas *mui* parecidos com os nossos: mercado editorial reduzido, insucesso com publicações profissionais por problemas de distribuição... Vale a pena conhecer e colaborar: Calle 59 número 3048 (7630) Necochea, Buenos Aires, Argentina.

HIPERESPACO. Editores: Cesar R.T. Silva e José Carlos Neves. Ano 10, número 40, formatinho, 20 páginas. Texto sobre a IV HorrorCon e III BrasilCon, entrevista com o quadrinista Paulo Yokota, HQ de Eduardo Canha e muitas notícias e opiniões de Cesar sobre o fandom e o mercado brasileiro de FC e HQs. Colabore: Caixa Postal 375 - Santo André - SP - 09001-970. E-mail: cerito@sti.com.br

HIPERTEXTO. Editores: André Mozeto, Carlos André Mores e Roger Trimer. Publicação do Clube Jerônimo Monteiro de Literatura, número 3, formato americano, 40 páginas, com capa colorida. Resenha de Lucio Manfredi de *Objeto Quase*, de José Saramago. Texto sobre os vencedores do Nobel de Física de 1997, crônica de Sergio Kulpas, coluna sobre sites da Internet, poema e crônica de André Carneiro, mais contos de Nilson Martelo, Carlos Orsi Martinho, Sacha Ramos (Portugal) e um inédito em língua portuguesa de ninguém menos que... Ray Bradbury! *Hipertexto* tem melhorado a cada número. Vale a pena conhecer: Via Washington, km 235 - Caixa Postal 676 - São Carlos - SP - 13565-905.

INFORMATIVO DE QUADRINHOS INDEPENDENTES. Editor: Edgard Guimarães. Números 31 (mar/abr) e 32 (mai/jun) 1998, **Megalon 50**

formatinho, 12 páginas cada, off-set. Centenas de fanzines e publicações alternativas resumidas e divulgadas nas páginas do prestigiado *IQI*. Uma vitrine da produção independente do Brasil nas mais diversas áreas. Vale conhecer: Rua Capitão Gomes, 168 - Brasópolis - MG - 37530-000.

INFORMATIVO PERRY RHODAN. Editor: Daniel dos Santos. Publicação do Perry Rhodan Fã Clube do Brasil. Números 37 (mar/abr) e 38 (mai/jun) 1998, 20 e 16 páginas respectivamente, formatinho. Enquanto Daniel cuida (e bem) do *IPR*, o irmão Alexandre toca o clube à frente com muita energia e competência. Publicações alternativas, como o zine de contos *Nathan*, a série que resenhou todos os ciclos de Perry Rhodan, um magnífico trabalho de Cesar Augusto Maciel, homepages na Internet, são oferecidos aos sócios em dia com os pagamentos. Uma das metas do PRFCB é trazer a série de volta ao Brasil. A luta é difícil mas não impossível. As edições do *IPR* em questão trazem notícias, contos e resumos de histórias inéditas no Brasil. Vale conhecer: Rua André Marques, 209/09 - Santa Maria - RS - 97010-041-041. E-mail: ds@smnet.com.br.

INTREPID. Editor: Fábio Barreto. Ano 1, números 2 (mar/abr) e 3 (mai/jun) 1998, capas coloridas, 20 páginas cada, A4. Fanzine especializado em *Star Wars* muito bem produzido. A qualidade dos textos também está crescendo com o incremento de bons nomes ao zine, como Roberto Causo e Marcello Simão Branco (coluna sobre FC em geral, "Zero - 1"). Contos, artigos, resenhas, curiosidades, notícias atualizadas sobre a próxima trilogia, entrevista com David Prowse (o ator que interpretou Darth Vader). Fábio quer abrir espaço para FC em geral também. Conheça, compre, colabore! Rua São Teodoro, 311 - São Paulo - SP - 08290-000. E-mail: fbart@mandic.com.br.

JUVENATRIX. Editor: Renato Rosatti. Ano VIII, número 25, maio

1998, ofício, 20 páginas. Muitos contos, artigos, ilustrações e HQ. Presenças de jovens e desconhecidos autores num trabalho importante de renovação que o Renato vem realizando. Dos mais conhecidos, Alysson Fabio Ferrari e Dario Andrade compõem com contos inéditos. Destaque também para a HQ "Mulher Casada Cheira...", de Angelo M.S. Júnior. Assine, colabore! Rua Irmão Ivo Bernardo, 40 - São Paulo - SP - 04773-070.

PAPÊRA UIRANDÊ. Editor: Roberto de Sousa Causo. Especial número 3, julho 1998, A3, 32 páginas. Edição temática sobre o "Horror Gótico" com ensaios de Carla Cristina Pereira, Roberto Causo, Ataíde Tartari e outros. Entrevistas com André Carneiro e Márcia Kupstas. Ficção de Causo publicada no Canadá e na China, "A Mulher Mais Bonita do Mundo". O editor busca colaboradores para uma edição voltada ao livro *O Homem que Viu o Disco Voador*, de Rubens Teixeira Scavone, o livro mais reeditados da história da FCB. Compre, colabore: Rua Aimberê, 406/103 - São Paulo - SP - 050018-010. E-mail: roberto.causo@dks.com.br.

SOMNIUM. Editor geral: Cesar R.T. Silva. Publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC). Ano XI, número 68, julho 1998, A4, 24 páginas. Pela primeira vez em vários anos o *Somnium* volta a ser regular. Só isso já mereceria uma festa, mas o fato é que a mais longa publicação da história da FCB se mantém a duras penas. Falta colaboradores (contos, artigos e ilustrações) e falta interesse da maioria dos sócios pela sorte da publicação. Neste número, contos de Gerson Lodi-Ribeiro e Simone Saueressig, notícias, resumo das discussões da lista do CLFC na Internet, algumas ilustrações... e só. Sem colaboração e interesse fica difícil melhorar uma publicação que sempre teve uma alta qualidade. Compre, assine, colabore!!! Caixa Postal 2105 - São Paulo - SP - 01060-970.



A MULHER NA FICÇÃO CIENTÍFICA

□ Finisia Fideli

Um olhar desavisado pode fazer supor que, na era de ouro da FC (ou seja, os anos cinqüenta), havia uma espécie de "Clube do Bolinha", tanto em relação aos escritores quanto aos leitores. Esse gênero literário nasceu de uma mulher, Mary Shelley, autora do inigualável romance *Frankenstein* em 1818.

Um breve exame dos magazines dos anos cinqüenta, mostra uma extensa lista de mulheres escritoras, que costumavam se esconder atrás de suas iniciais ou de pseudônimos masculinos, escreviam FC ou Fantasia com protagonistas masculinos e para uma audiência essencialmente masculina. O que mudou nas décadas de sessenta e setenta, é que, não apenas aumentou o número de mulheres escritoras, mas também o tipo de assunto que elas passaram a escrever.

O movimento feminista mudou a ficção científica.

Um exemplo típico é o de Ursula K. Le Guin, que escrevia FC e fantasia tradicionais e, em 1969, publicou um dos mais influentes romances desta segunda metade de século, *A Mão Esquerda das Trevas*, um exame brilhante dos estereótipos de gênero sexual (entre outras coisas). A partir daí, muitas outras autoras escreveram textos envolvendo mulheres fortes, antes raras na FC. Mais que isso, surgiram obras de crítica feminista, às vezes amargos como *The Female Man* (1975) de Joanna Russ, bem como uma série de contos feministas produzidos por Alice Sheldon (que usou o pseudônimo de James Tiptree Jr.) no final dos anos sessenta. O processo continua até hoje, com autoras que fazem FC sofisticada, abordando entre outras coisas o relacionamento entre os sexos, a violência, a ecologia, o pacifismo e o abuso infantil.

É claro que vários autores homens também escreveram com a perspectiva feminina, como John Varley, Samuel Delany e Kim Stanley Robinson, com resultados muito satisfatórios, e pudemos ter acesso a autores que introduziram características homossexuais em sua ficção, como Thomas M. Disch.

O gênero ficção científica se desenvolveu numa cultura patriarcal. Naquela época, quando as personagens femininas apareciam, eram definidas pelo seu relacionamento com os personagens masculinos, objetos a serem desejados, temidos, salvos ou destruídos.

Mais tarde, quando a FC ficou sexualmente mais explícita, as mulheres apareceram apenas para validar o protagonista como macho e heterossexual.

Antes dos anos sessenta, as mulheres escritoras tendiam a refletir os pontos de vista de que a mulher do futuro pilotava panelas e fogões automáticos em cozinhas robotizadas, enquanto os homens iam lá para fora e se aventuravam em locais nunca dantes navegados.

E durante todo o tempo, as personagens eram representadas dentro de uma gama meio restrita de estereótipos:

- *A Virgem Tímida*. A filha ou sobrinha do cientista ou do capitão da nave onde o herói vai resgatá-la e ensinar algumas coisas importantes a ela.

- *A Rainha das Amazonas*. Sexualmente desejável e aterroizante ao mesmo tempo, costumava ser "domada" pelo herói super-másculo. Caso contrário era identificada como a vilã da história e morria volatilizada pela pistola de raios do garanhão.

- *A Cientista Solteirona Frustrada*. Muito inteligente mas restrita ao seu laboratório, é a

melhor amiga do protagonista e o auxilia a resolver todos os problemas da trama, mas perde o amor dele para a mocinha virgem tímida. Um exemplo para jovens leitoras, mostrando que carreira de sucesso é igual à falência feminina.

- *A Boa Esposa*. A virgem tímida no futuro, que fica quieta nos bastidores, amando seu homem e não arrumando encrenca.

- *A Irmãzinha Traquinas*. Que tem um semblante de autonomia, até que sua sexualidade desabroche e a transforme em virgem tímida e, se tiver sorte, em boa esposa.

- *A Deusa de Plástico*. Feita de silicone, perfeita por fora e vazia por dentro. Não se enquadra na categoria virgem tímida e precisa tomar cuidado para não ser confundida com a Rainha das Amazonas, mas sim uma boa esposa (depois de alguns ajustes).

- *A Suspirante*. Que sente imensamente, tem empatia com todos, resolve todos os problemas e sofre como uma boa mãe.

É claro que os protagonistas masculinos também encontravam sua gama de estereótipos: havia o herói macho, o cientista galã, o cientista velho, o herói brincalhão, o amigo do herói, o cientista maluco vilão e o maluco amigável, além de toda sorte de bandidos dos mais variados quilates, além de alienígenas e robôs. Via de regra, as mulheres ou eram perseguidas pelos vilões ou pelos mocinhos, e o resultado dessa perseguição só era definido pelo comportamento da moça em questão. Clichê por clichê, pelo menos os homens se divertiam mais.

Mas a ficção científica passou a explorar assuntos mais sérios, principalmente pelos escritores mais atualizados. As mulheres foram atraídas pela nova imagem

da FC, e passaram a exigir protagonistas mais verdadeiras; vendas atingiram números inimagináveis, e a presença de protagonistas femininas passou a ser um fator comercial importante. Um possível *best seller* não podia mais ignorar a audiência feminina, e as mulheres nos cargos de edição, facilitaram a entrada de escritoras nesse mercado em franca expansão.

Durante algum tempo, os velhos estereótipos perduraram, embora mulheres escritoras trouxessem mais e mais uma mudança subversiva: a Boa Esposa casou com uma piloto-estrela lésbica; a Cientista ficou rica e tem uma movimentada vida sexual, a Rainha das Amazonas tem um corte de príncipes-consortes e, triunfalmente, se recusa a ser domada.

É claro que sempre existiram escritores que se esforçaram para incluir mulheres soldados e cientistas em suas obras, mas eles eram incapazes de responder quem ia pilotar as panelas, cuidar das crianças e fazer surgir essa sociedade revolucionária.

o cinema? Infelizmente, nesse campo a FC não acompanhou os esforços das mulheres. Muitas vezes, elas continuavam aparecendo como vítimas, robôs ou prostitutas (às vezes, tudo ao mesmo tempo). Continuam esperando pacientemente pelo herói na cozinha ou no quarto de dormir. Ainda precisam ser resgatadas por ele, e não raro, são as causadoras dos dissabores do protagonista, atrapalhando sua missão ou colocando todo mundo em perigo quando tropeçam bem na frente do alienígena de muitas cabeças e precisam ser salvas no último momento.

Uma deliciosa exceção encontra-se na trilogia *Guerra nas Estrelas* de George Lucas, onde a Princesa Leia, ao ser resgatada das garras de Dart Vader, é obrigada a arrancar a arma de raios das mãos do galã Han Solo e resolver a parada por conta própria, fugindo através dos ductos de eliminação de lixo da estação espacial Estrela da Morte.

Outro momento que não pode ser desconsiderado está na famosa série de televisão *Jornada nas Estrelas*, em plena década de sessenta, onde Gene Roddenberry ousou colocar, simultaneamente uma oficial mulher e negra na ponte de comando da nave estelar *Enterprise*, além de dezenas de mulheres interessantes e notáveis num sem número de episódios.

Mas o filme *Alien*, de Ridley Scott (1979), trouxe uma notável exceção: a personagem Ripley, protagonizada por Sigourney Weaver, é uma mulher herói.

FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA: O PAPEL DA MULHER

Tão desconsiderado no Brasil, o gênero ficção científica tem contado com a colaboração de mulheres escritoras desde os seus primórdios.

Para os aficionados de hoje e de ontem, não existe melhor ponto de referência do que a Coleção Ficção Científica GRD, sem dúvida a melhor amostra do que se faz em FC no Brasil há várias décadas, sob a batuta pioneira do editor Gumercindo Rocha Dorea. É dele o mérito de ter publicado (e ainda estar publicando) uma das melhores coleções do gênero há quarenta anos, alternando autores nacionais e estrangeiros, através de um critério de qualidade que honra autores e leitores.

Assim, foi em 1960 que Dinah Silveira de Queirós publicou o volume de contos *Eles Herdarão a Terra*, com histórias de fantasia e de ficção científica de teor poético e ingênuo, quase um retorno à infância da autora quando ela ouvia as histórias de Júlio Verne e de H.G. Wells.

No ano seguinte, foi lançada a *Antologia Brasileira de Ficção Científica*, onde Dinah aparecia entre vários autores, e mais duas mulheres, Lúcia Benedetti e Zora Seljan.

No outro ano, publicou *Histórias do Acontecerá*, contando, além de Dinah e Zora, com a presença da grande Raquel de

Queirós, que, com o conto "Ma-Hôre", compôs uma pequena fábula de conquista interplanetária onde os invasores (nós, humanos) levamos um baile de um representante autóctone de pequena estatura e grande esperteza. É uma história bem humorada com um argumento de FC clássica e bem construída. Infelizmente numa entrevista a um famoso apresentador de TV na ocasião do lançamento de recente romance, a escritora repudiou suas obras escritas dentro deste gênero literário, comparando-as a uma fase de imaturidade.

Outra autora de peso também participou de uma antologia de ficção científica publicada pela Editora Edart de São Paulo em 1965. Trata-se de Lygia Fagundes Telles, no livro *Além do Tempo e do Espaço*. O conto "A Caçada" não é exatamente FC, embora, sem muito esforço, poderia estar à vontade entre histórias de universo alternativo.

Mas nossa grande autora da época era mesmo Dinah Silveira de Queirós. Em 1971, ela publicou um novo volume de contos, *Coma Malina* pela Editora Laudes do Rio de Janeiro. É estranho que a própria autora, tão identificada com a ficção científica, preocupava-se com a conotação "científica" do gênero, preferindo o termo "literatura de antecipação", esquecendo-se de que não existe nenhuma obrigatoriedade em se antecipar ou prever coisa alguma quando se trata de ficção.

E a atualidade?

Em 1991, a revista *Somnium* do Clube de Leitores de Ficção Científica, teve a idéia de homenagear as autoras que faziam parte do quadro de associados do Clube. Assim, o número 51 conta quase que exclusivamente com o trabalho de mulheres. O editor na época, Carlos André Mores, teve dificuldade para localizar e reunir esse material, tão escassas são suas produtoras.

O resultado, modestia à parte, é uma grata surpresa para quem curte FC. São seis contos e dois poemas, abordando diversos temas relacionados, numa visão

quase sempre poética, humanista e feminina. Dois contos têm um enfoque atual e bem humorado. A maior parte, felizmente, é bastante otimista em relação ao futuro da humanidade.

É triste constatar, que entre tantos talentos (e muitos outros, provavelmente ocultos), pouco se viu da produção posterior dessas autoras, talvez com duas exceções: Ana Creuza Zacharias, que tem uma produção constante e prolífica, aparecendo com frequência em revistas e fanzines, e eu mesma, que já pude ter a honra de ver meu conto "O Ovo do Tempo" publicado numa antologia brasileira de histórias de

dinossauros, *Dinosauria Tropicalia* pela Editora GRD em 1994, além de publicar o conto "Quando É Preciso Ser Homem" na extinta revista de FC *Isaac Asimov Magazine* e na antologia luso-brasileira da Editora Caminho, de Portugal, *O Atlântico Tem Duas Margens*, de 1993.

O maior problema, sem dúvida, é a escassez de mercado. Num país onde se tenta, sem muito sucesso, atingir a marca de três livros por habitante por ano (mais ou menos uma média sul-americana), um número ridículo se comparado com o primeiro mundo, pouco espaço existe para a publicação de literatura de ficção

científica. Somado a um preconceito descabido em relação a esse gênero literário, e a parca visão dos editores que acreditam que só existe Arthur C. Clarke escrevendo nos dias de hoje, sobra nenhum espaço para autores de vanguarda e menos ainda para autores nacionais.

Como, então, as mulheres, que já são minoria no mercado editorial brasileiro, vão encontrar espaço para publicar ficção científica?

Este é o desafio para a virada do século, nosso empenho e nossa luta. A fronteira final a ser desbravada, onde mulher brasileira alguma jamais esteve.

BIBLIOTECA ESSENCIAL DA FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA VOLUME 3

PRÊMIO NOVA DE FICÇÃO CIENTÍFICA: OS PRIMEIROS DEZ ANOS

Marcello Simão Branco, Ed.



Nos últimos dez anos o Prêmio Nova de Ficção Científica tem cumprido a função de registrar e premiar a produção de FC no Brasil. Agora, pela primeira vez reunidos em um volume comemorativo, todos os contos e novelas vencedores do Nova. São dezesseis histórias assinadas por André Carneiro, Braulio Tavares, Carlos Orsi Martinho, Gerson Lodi-Ribeiro, Ivan Carlos Regina, João Manuel Barreiros, Jorge Luiz Calife, Osame Kinouche Filho, Roberto de Sousa Causo, Roberto Schima, Ricardo Teixeira, e Sylvio Gonçalves.

Esta antologia crítica é apresentada por Marcello Simão Branco, editor da antologia *Outras Copas, Outros Mundos*, e um dos mais importantes fãs nacionais de FC, editor do premiado fanzine *Megalon*. O terceiro volume da Biblioteca Essencial da Ficção Científica Brasileira conta ainda com artigos de Branco, Cesar R. T. Silva e Roberto de Sousa Causo, e com a lista dos ganhadores em todas as categorias, contextualizando e interpretando os resultados do prêmio, ao longo dos anos.



Um livro indispensável para o entendimento da evolução da FC brasileira nos últimos dez anos.



Prêmio Nova de Ficção Científica: Os Primeiros Dez Anos, Marcello Simão Branco, ed. Edgard Guimarães Editor, 1998, 170 páginas, encadernado em capa-dura com sobre-capas ilustrada. R\$ 32,00 (Brasil), US\$ 38,00 (exterior).

📖 Pedidos com Edgard Guimarães: Rua Capitão Manuel Gomes, 168, Brasópolis-MG 37530-000 ou pelo telefone (035) 641 1347 (aos sábados e domingos).

Ataide Tartari está nas livrarias com o conto "Craque na Família", integrante da antologia *Outras Copas, Outros Mundos*, organizada por Marcello Simão Branco para a editora Ano-Luz. Para não perder o pique ele enviou a história abaixo para a possível próxima antologia da mesma editora. Já conhecida dos leitores, a prosa segura, elegante, o suspense, o humor irônico, também são elementos presentes no conto que apresentamos aqui em primeira mão.

ZIMA BEM QUENTE

□ Ataide Tartari

O Flecha não está a fim de saber quantos anos esta sua vizinha tem. São poucos, obviamente. Tudo nela tem cheiro de novo. A única coisa que não combina com sua aparência é a experiência: ele sabe que ela já esteve com outros homens antes.

-- Já te fizeram gostosinho, assim? -- Flecha sussurra no ouvido dela. Com os dedos da mão direita ele massageia sua pequena orquídea selvagem. Ela está um pouco úmida mas, fora isso, não demonstra nenhum tesão.

Ela tira a chupeta da boca e aponta para o aparelho de som em frente ao sofá. -- O que é aquilo?

--Aparelho de som antigo, modular-- ele responde, antes de abocanhar o peitinho.

--Ai!-- ela diz, puxando Flecha pelo cabelo. --Cê me mordeu!

Ele ergue a cabeça, sorri, e tenta recolocar a chupeta na boca dela.

--Pára com isso!-- Ela pega a chupeta e joga no chão. --Se cê quer transar com uma criança, por que cê não vai no berçário?

Flecha deita sobre ela, no sofá. Ao contrário dela, ele ainda está vestido. Ele puxa a mão da menina e a faz sentir o volume debaixo das calças.

--Cê aguenta o tranco?-- ele pergunta, sorrindo.

Ela vira o rosto pro lado, pro aparelho de som. --Eu nunca vi igual. É muito antigo?

--Tem vinte anos. É alemão. Hoje em dia só fazem essas miniaturas japonesas; nem dá pra sentir o som.

--Vinte anos? Nossa! Cê comprou ele usado?

--É-- ele responde. Na verdade, ele comprou esse *Bang Olufsen* novinho, na caixa, e pagou com o salário de seu primeiro emprego.

Flecha beija sua boca enquanto tenta abaixar as calças com uma das mãos. Ela põe a mão em seu peito e o empurra.

--O que foi agora, porra?

--Cê tá me machucando-- ela diz. Depois ela sorri. --Deixa eu ficar por cima.

Flecha sorri de volta. Agora ela está mostrando sua verdadeira natureza, a da adolescente sacana que gosta de provocar os coroaos do prédio. Por outro lado, sem a falsa inocência, o jogo fica bem menos excitante.

Flecha deixa a menina abrir suas calças e brincar com ele. Ela faz como se ele fosse um pirulito novo, grande e

gostoso. Ela só pára e ergue a cabeça quando o telefone toca.

--Cê num vai atender?-- ela pergunta.

--A secretária tá ligada.

A gravação da mensagem começa com um soluço. Aí uma voz feminina diz "Obrigado pelo pior aniversário da minha vida".

Tem mais. Ela soluça de novo antes de completar a mensagem: "O meu consolo é que, de uma maneira ou de outra, eu sempre vou fazer parte da sua vida".

A menina fica em pé. --Quem é ela?

--A Ana.

--Aquele que morava aqui com você?

--Ela mesma.

--O que aconteceu? Vocês brigaram?

Flecha senta no sofá e olha pra baixo. Ele já está ficando tão pequeno que Flecha acha melhor puxar as calças. --Eu dei um pé na bunda dela. Ela foi embora, antontem.

--Cê dispensou tua mulher no dia do aniversário dela?

Flecha dá de ombros, sorri, e acaricia as coxas dela.

Ela dá um tapa nas mãos dele e se afasta. --Num sabia que cê era tão filho-da-puta assim.

Ela se veste rapidamente e corre pra porta.

--Volte sempre!-- ele diz, vendo ela deixar o apartamento.

Enquanto seu *Bang Olufsen* faz o piso do apartamento tremer com o som da bateria de John Bonham, Flecha folheia o velho caderno de telefones. É melhor do que rever o álbum de fotografias do colégio. Cada nome, cada número, lhe traz lembranças das mulheres que ele teve ou desejou ter. Cada nome lhe rende ao menos meia hora de boas lembranças. Há a Teresa, por exemplo, uma das que o amarrou por mais tempo. Durante o primeiro ano com Teresa, Flecha tinha ficado praticamente cego para as outras mulheres. Ele deve sua liberdade à família dela. Ao pai dela, principalmente. Se o velho não tivesse forçado a barra para que os dois se casassem, eles provavelmente teriam ido parar no altar.

A tentação de ligar para vários destes números é grande, mas Flecha resiste. O medo é maior que a curiosidade.

sidade. Seria bom saber que rumo suas vidas seguiram; seria bom saber quais delas estão sobrando ou amarradas em maus casamentos. Mas o risco de encontrar uma co-roa solitária e ansiosa do outro lado da linha é o suficiente para abortar qualquer curiosidade que Flecha possa ter.

Flecha desliga o som, pega a chave do carro e sai. Ele circula por mais de uma hora, sem saber aonde parar. A Ana tinha estragado seu senso de direção. Há dois anos, antes de juntar os trapos com ela, ele sabia como se orientar em São Paulo; sabia quais eram os lugares frequentados pelas maiores gatas da cidade. Agora, nada. Os melhores points de seus anos de ouro nem existem mais. Outros estão tão decadentes que só atraem crioulos e cabeças-chatas. Flecha acaba parando numa casa antiga que não mudou muito, o Metrópolis.

Ao entrar, Flecha percebe que a frequência do Metrópolis envelheceu um pouco. Há muito mais peruas maquiadas do que gatas ao natural. Ele senta no bar, perto do grupo mais jovem no recinto. Uma loirinha mignon de olhos castanhos olha pra ele. Ela lhe lembra a vizinha que ele quase comeu.

Flecha muda de lugar: senta ao lado dela.

--Você é muito parecida com uma amiga minha. Qual é o teu sobrenome?

--"Súcuba" serve?

Flecha ri. É estranho ouvir isso de uma desconhecida. Essa é uma palavra que a Ana gostava de dizer na cama. "Eu sou sua súcuba" era o que a Ana dizia sempre que era penetrada.

--Agora você tá se parecendo com outra amiga minha.

--Eu senti que você deu uma vacilada na palavra "amiga"-- ela diz, sorrindo.

--Existem vários tipos de amizade...

--E o que foi que aconteceu com esta?

--Ela envelheceu.

--Ela, quem?

--A amizade-- Flecha responde, embora ele ache que esta "amizade" não tenha envelhecido tanto quanto a Ana. No dia em que ele a chutou, ela estava entrando nos trinta.

A loirinha toma um gole e depois olha nos olhos dele. --Meus pais dizem que envelhecer juntos é uma arte; um dos maiores prazeres que existem na vida.

Flecha dá de ombros. --Recuperar o tempo perdido também é uma arte.

Ela se inclina e põe a mão na coxa dele. --É isto o que você quer fazer comigo?

Partindo do par de morros, Flecha desce sua boca até o umbigo. Ele pára e afasta a cabeça, passando o dedo pela pequena depressão. É muito estranho. Qual é a chance de duas mulheres diferentes terem o mesmo umbigo? Ainda mais um umbigo como este, que mais parece uma cicatriz de queimadura por cigarro.

--O que foi?-- ela pergunta.

--De que chocadeira você saiu?

--De uma bem quente.

Flecha continua examinando o umbigo da loirinha; o

umbigo que é exatamente igual ao da Ana. --Devia ser quente mesmo. Isso aqui parece uma queimadura.

Ela sorri. --Ou então uma marca, como daquelas feitas em gado.

Ele também sorri. --A marca de quem?

--Cê sabe muito bem de quem...

Flecha deita sobre ela e diz no seu ouvido: --Da minha sucubinha?

Ela abre as pernas, agarra seu membro com a mão direita e o puxa para dentro de sua orquídea quente.

--É isso aí-- ela diz, ofegando. --Eu sou sua súcuba.

Sympathy for the Devil, a música, tem tudo a ver com o livro que Flecha está lendo. Na primeira vez que a Ana veio com essa história de súcuba, ela apenas disse que é um ser feminino mítico que habita os sonhos dos homens. Agora, com a loirinha do Metrópolis falando a mesma língua, Flecha acabou comprando um livro sobre o assunto. Se é sobre o universo feminino, é com ele mesmo.

Seu *Bang Olufsen* começa a tocar essa música dos Stones justo no momento em que ele vê a foto de uma súcuba na página central do livro. Ela é meio excitante, meio assustadora. É uma gata nua com seios grandes e perfeitos, botas negras de couro até as coxas, um par de chifres pequenos e arredondados, e asas de morcego. *Sucubus*, diz o livro, é o demônio; o demônio na forma de uma fêmea sedutora. O tipo de demônio com o qual Flecha simpatiza.

Ao acabar o livro, mais excitado que nunca, Flecha decide ir ao Club Ménage, onde às terças o nome jogo é Noite do Swing. Com a Ana, ele não participou desta noite nenhuma vez. Levar a própria mulher ao swing definitivamente não é uma boa. O ideal é contratar uma acompanhante não muito bonita e pegar alguma jovem esposa ninfomaníaca em troca. Flecha pega o telefone e liga pra profissional mais barata que encontra no caderno de telefones.

O local é muito discreto; só para quem o conhece. Por fora é apenas uma casa grande e antiga. A imensa sala de estar acomoda um balcão de recepção, bar, cinco sofás e um pequeno palco. Flecha circula por entre os sofás, de mãos dadas com a sua escort, até que senta ao lado de um casal de caipiras com menos de trinta anos.

Flecha consegue identificar esses otários do interior com uma olhada. Muitos homens estão fazendo como ele: levando prostitutas envelhecidas como esposas. Mas blefadores como Flecha sabem identificar quais são os que estão jogando limpo, como este jovem casal do interior. A esposinha caipira mais parece um vulcão prestes a explodir com a nova experiência.

Flecha senta ao lado dela, enquanto sua escort encosta no garoto.

--Eu senti uma coisa vindo de você-- Flecha diz a ela. Depois ele sorri. --É algum tipo de feitiço?

A garota dá uma risadinha, olhando pra baixo. --Num sei. Deve ser.

--Você num tá sentindo a mesma coisa?

Ela faz que sim com a cabeça.

Enquanto isso, o marido caipira parece arrependido. Flecha percebe que ele o está encarando.

--Você não foi com a cara da minha mulher?-- Flecha pergunta.

--Eu só acho que vocês deviam procurar um casal mais da sua idade, cê num acha?

--Isso é uma troca de experiências. Você pode aprender muito mais com gente mais experiente.

--E você tá achando que eu não sou experiente?

Agora Flecha sente que o caipira está ficando agressivo. O negócio não vai dar certo...a menos que ele use a arma que até agora provou-se infalível:

--A Vera-- Flecha diz, apontando para sua acompanhante --sabe fazer que nem a Yoko Ono. Ela leva qualquer um à loucura.

Flecha tem certeza de que o garoto não sabe do que ele está falando. Por outro lado, ele sabe que o garoto não vai querer negar sua suposta experiência.

O caipira olha pra Vera, enquanto sua esposinha não se envergonha em perguntar a Flecha: --O que é isso que a tua mulher faz?

--É uma técnica gueixa de contração dos músculos da vagina. O John Lennon chegava até a desmaiar de tanto tesão.

A técnica existe; Flecha já a experimentou. É mais prazerosa que o sexo tântrico, embora menos duradoura. O que não existe é relação alguma entre sua escort e esta técnica.

O garoto sorri e põe a mão na coxa da prostituta. Flecha também sorri. O negócio está de pé.

Numa das suítes do Club Ménage, Flecha tira sua camisa enquanto a garota permanece sentada na ponta da cama, com ar de encabulada. Ele senta ao lado dela e beija a nuca.

--Relaxa-- ele diz. --Cê num precisa se preocupar com nada.

Ele se ajoelha na frente dela e começa a desabotoar sua camisa, beijando seu pescocinho, descendo com a boca até o umbigo. É quando ele dá um salto e fica em pé.

A caipirinha encabulada de repente não parece mais encabulada; muito menos caipira. --Você tá melhorando, Flecha-- ela diz, imitando a voz da Ana. --Tá demorando menos tempo pra me reconhecer.

--Eu nunca pensei que...

--Que eu fosse tua súcuba de verdade?

Flecha dá um passo pra trás. --Olha, eu num tô gostando dessa brincadeira...

--Por que não? Eu estou fazendo do jeito que você gosta, não estou? Eu sou sempre diferente, e cada vez mais novinha.

--Mas é sempre a mesma, porra!

--Desculpa.-- Ela olha para o próprio umbigo. --Defeito de fabricação.

--O que é que eu tenho que fazer pra você largar do meu pé?

--Esquece.-- Ela fica em pé e abraça Flecha, sussurrando no seu ouvido: --Você não ouviu minha mensa-

gem? Eu sempre vou fazer parte da sua vida.

Ele se livra dos braços dela e senta na cama. --Por que é que tem que ser comigo, caralho?

Ela dá de ombros. --Você me invocou.

--Não.-- Flecha sacode a cabeça. --Eu nunca fiz isso.

--Você nem precisou fazer nada: você é.

--Sou o quê?

--Perfeito. Seu caráter é perfeito. Eu tive certeza disso no dia em que você me chutou apesar de gostar de mim.

Flecha ri. --Eu dou muito valor aos meus princípios.

--Eu sei disso.-- Ela se aproxima e abraça a cabeça de Flecha contra seu umbigo. --É por isso que eu te agarrei.

Olhando para cima, em seus olhos, Flecha pergunta: --Como é que você é, de verdade?

A garota caipira dá dois passos pra trás e tira toda a roupa. Ao dar um rugido, ela faz seu corpo crescer. Ela fica alta, com mais de um metro e oitenta. Seu cabelo fica curto e ruivo; seus seios, grandes em empinados. O par de chifres também aparece, assim como as asas. Apesar de sua súcuba não ter um par de botas, Flecha sente que ela está bem parecida com aquela da foto no livro. É a mulher mais tesuda que ele já viu na vida.

Ela olha pro volume na calça e sorri. --É, parece que eu tô te agradando...

Flecha fica em pé olha pra baixo. Ele sente sua calça muito apertada, parecendo dois números menor. Ele logo a desabotoa e deixa sua bússola solta, apontando para o norte, onde o paraíso é bem quente.



Viagens no tempo são um dos temas mais saborosos e presentes na ficção científica. Recentemente o autor Octávio Aragão concebeu um engenhoso background para histórias de viagem no tempo inspirado na série "Patrulha Temporal" de Poul Anderson. O resultado prático foi a ótima noveleta "Eu Matei Paolo Rossi", presente na antologia *Outras Copas, Outros Mundos*, organizada pelo editor deste fanzine para a editora Anoluz. Como se não bastasse outros autores estão soltando a imaginação para mais histórias com os patrulheiros temporais da Intempol. O conto a seguir está nesta linha e conta as aventuras e desventuras de um infatigável conquistador nos braços da mais desejada mulher do século XX.

O FURACÃO MARILYN

□ Jorge Moreira Nunes

O velho colocou o samburá sobre a areia, preparou a isca e o anzol, oscilou o caniço para trás e o lançou para frente. Ainda estava em forma: o molinete descarregou rápido, e a linha foi além da arrebentação. Satisfeito, fincou o caniço no suporte enterrado na areia, ajeitou a cadeira de praia e refestelou-se. O vento da tarde esfriava e ele teve dificuldades para acender o cachimbo. Enrolou o cachecol até o queixo e olhou o mar, que ilusão! Parecia de chumbo derretido, mas o velho quase podia ver os milhões de criaturas que ali nadavam, os dramas infinitos em busca da sobrevivência, os nascimentos e mortes que ocorreriam naquele momento. Pensou no peixe distraído que se encaminharia até a sua isca, iludido também. Qual seria? Talvez fosse seu dia de sorte e conseguiria um espada. Ou de azar, e então seria uma cocoroca. E se fosse uma baleia, um tubarão? Provavelmente o velho seria arrastado para o mar, não teria forças para suportar o arranco.... Ele já se via entre as ondas, mas não se afogava. Sentia-se perfeitamente à vontade, respirava tranqüilamente sob as águas, e a graciosa baleia que o arrastara perguntou:

- Gostaria de dançar, Sr. Giacomino?

Ele respondeu:

- Com o maior prazer, Sra. Baleia.

Enquanto dançava com a baleia o velho notava nela uma sensualidade fora do comum. Que jeitosa, essa baleia!, dizia para si mesmo.

O velho caíra no sono, e já sonhava.

Um homem jovem vestindo um terno branco de linho, batido pelo vento, sem saber se segurava a pasta que carregava ou o chapéu que teimava em acompanhar o vento, caminhava pela areia em sua direção, deixando pequenas nuvens atrás dos passos.

No sonho, a baleia cutucava de leve o ombro do velho, e sussurrava:

- Sr. Giacomino, Sr. Giacomino...

Ele estreitava a baleia para mais perto do corpo e acariciava as costas voluptuosas do cetáceo... Sim, sim, querida... Mas, espere um pouco: a voz da baleia era muito masculina, e o cutucão no ombro já começava a incomodar.

O velho abriu os olhos de repente. Voltou-se e encontrou um rosto jovem e sorridente:

- Sr. Giacomino? Como vai? Meu nome é Eugênio. Sua

mulher disse que o senhor estaria aqui...- e estendeu a mão para o velho.

Mal-humorado, o velho Giacomino respondeu, sem apertar a mão do estranho:

- E não estou? O que você pensa que está vendo? Uma miragem?

Giacomino levantou-se e foi conferir o caniço. Tudo em ordem, mas nem sinal de peixe. O rapaz ficou meio embaraçado e tirou o chapéu. Disse:

- Me desculpe incomodá-lo, mas vim de longe, e gostaria de conversar com o senhor.

- Escute, meu filho: Vivo nessa ilha miserável com a minha velha há quarenta anos. Estamos sozinhos desde que o último dos nossos 19 filhos se foi para a vida. O que você acha que eu tenho para falar?

Giacomino recolhia a linha. Aquele sujeito já tinha estragado a pescaria. O rapaz reuniu coragem e disse:

- Mas o senhor não viveu aqui a vida inteira, não é? Presumo que tenha bastante a contar sobre como chegou aqui.

Giacomino olhou-o nos olhos pela primeira vez. Escrutinou-o de cima a baixo e em seguida continuou o trabalho de recolher as tralhas.

- Não sei do que está falando - disse, e começou a andar de volta para casa, a cem metros dali.

O rapaz ficou um instante parado com o chapéu na mão, e então começou a caminhar atrás do velho.

- Sr. Giacomino, sei de tudo. Sou um jornalista, sei o que aconteceu, mas gostaria de uma entrevista, queria que o senhor desse uma declaração pessoal sobre o que ocorreu. As versões que existem são as oficiais, e talvez fosse uma chance do senhor contar a sua versão.

O velho Giacomino resmungou alguma coisa, sem parar de caminhar.

Em casa, Giacomino guardava as tralhas enquanto o rapaz permanecia à soleira da porta, torcendo o chapéu. Uma velha gorda e morena falou:

- Entre, meu filho. Acabei de fazer um café.

Giacomino resmungou de novo e sentou-se na sua cadeira preferida, que dava vista para o por-do-sol. Eugênio entrou limpando os pés, e sentou-se à mesa:

- Obrigado, dona Saviana. Voltou-se para o velho, que estava de costas para ele:

- Sr. Giacomino, não vai me responder? De qualquer

jeito, mesmo que o senhor não fale, vou fazer uma matéria, e ela vai ser bem desfavorável ao senhor. Vou ter que admitir que a história oficial é a verdadeira.

- Como me descobriu? - disse o velho.

- É nossa função de jornalistas encontrar pessoas e suas histórias.

Giácómo se levantou, encaminhou-se até a mesa. Dona Saviana serviu-lhes uma xícara de café para cada um. Giácómo olhou bem nos olhos do rapaz. Eugênio tinha o olhar tranqüilo de alguém realmente interessado e a expressão animada e honesta de um foca. Giácómo falou:

- Muito bem, vou lhe contar a minha história. Talvez seja bom para reviver aquela loucura toda, e movimentar um pouco essa vida besta daqui. Mas você vai me prometer que vai escrever exatamente o que eu falar.

- Prometo.

O velho não teria como saber se Eugênio cumpriria a promessa, mas na verdade ele estava louco para falar. Voltou para a cadeira predileta e chamou o rapaz para se sentar em uma outra ao seu lado, batendo com a mão no assento.

- Senta aí.

Eugênio sentou-se, ligou o gravador, e o velho começou:

- Eu tinha...

Giácómo tinha acabado de completar 32 anos e olhava orgulhoso para o seu distintivo Nível 2. Sim, é claro que conseguira a promoção à custa de um certo sacrifício. Mas, que diabo, a supervisora Mariete não era tão ruim assim. E sempre que tinha alguma dificuldade em avaliar corretamente a beleza feminina evocava um ditado de botequim: *Não existe mulher feia: você é que bebeu pouco*. O fato é que tinha nas mãos o seu Cartão Cronal Nível 2 e o babava de beijos.

Aquilo era motivo de comemoração! Aproveitaria a folga para uma passada no bar, e quem sabe recuperar-se do trauma com a supervisora Mariete aconchegando-se nos braços de veludo de Helena, a moça mais bonita do bairro.

Chegou e foi aclamado pelos companheiros de bar. Deram-lhe muitos parabéns e tapinhas nas costas, e vários foram os brindes erguidos à sua promoção. Tantos foram que Giácómo começou a sentir os primeiros sintomas do estado em que todas as mulheres são belas. Não que ele precisasse desse aditivo para suas conquistas. Giácómo era afamado por essas conquistas. Dizia que nenhuma mulher lhe escapava.

- Ninguém se compara a mim! - disse a certa altura, com um sorriso torto, entre os hurras de todos os companheiros.

De todos, menos um: Sabará. Sabará era o seu oposto. Nem as mendigas davam bola ao pobre Sabará, e para manter em dia o moral ele sempre apelava para as meninas das boates do cais. Odiava Giácómo, que vivia humilhando-o com suas conquistas intermináveis. Era sistematicamente torturado pelas histórias amorosas que Giácómo lhe contava, todas estreladas pelas mulheres mais cobiçadas da região. Olhava invejoso para o garanhão, e

uma pequena vingança sorriu-lhe por um momento:

- Um brinde ao Giácómo! E a todas as mulheres que ele jamais comerá!

Giácómo pousou o copo sobre a mesa, voltou-se para o infeliz e perguntou-lhe:

- Como assim?

- Ora, é humanamente impossível, mesmo para você, ter todas as mulheres do mundo. São em muito maior número do que você possa dar conta, outras já estão mortas, sem falar nas que não nasceram... Você tem que admitir: algumas mulheres são impossíveis para você - e Sabará destacava bem as sílabas de *impossíveis*.

- Quem é você, para dizer isso, Sabará? Que eu saiba, é melhor do que ser como você: no seu caso, todas as mulheres são impossíveis! - disse, destacando as sílabas de *todas*.

A gargalhada foi geral. Sabará quis se enfiar debaixo da mesa, sumir de vez e para sempre, mas teve que suportar as chacotas de todo o bar até a hora de fechar. O tiro mais uma vez saíra pela culatra. Ele não sabia se odiava mais a Giácómo ou a si mesmo.

Giácómo voltou para casa entre os braços de dois comparsas de copo, entoando desafinado uma canção antiga. Helena não aparecera, e os brindes passaram da conta. Sozinho em sua cama, entre arrotos, risos e trechos de melosas canções de amor, Giácómo desfrutava o bem-estar de um orgulho pessoal, sentia-se realizado e na melhor fase de sua vida. Tateou o paletó e buscou o seu Cartão Cronal. Olhava-o com a ternura de quem contempla o retrato da amada. De repente, lembrou-se do Sabará. Mas que idiota! Era mesmo um frustrado! Por outro lado, ele tinha uma certa razão: havia mulheres impossíveis, e Giácómo era movido a desafios. Não trancara certa vez aquela Marquesa francesa metida a besta, e não ganhara uma aposta por isso? Não tinha conseguido o seu cartão graças aos seus talentos de sedutor? Não havia... Giácómo parou e pensou: qual seria a mulher mais cobiçada do mundo? Ou melhor, pensou outra vez, olhando com atenção para o Cartão Cronal: qual a mais cobiçada do século? Uma luz brilhou nos olhos baços de bêbado, e Giácómo sentou-se na cama: vou provar ao Sabará que não há mulher impossível para mim, e vou comer a mulher mais cobiçada do século!

A ressaca no dia seguinte não apagara da cabeça a idéia da noite anterior.

A tarefa não seria fácil. Giácómo teria de pesquisar tudo a respeito das circunstâncias da vida e da morte daquela atriz. Aprendeu inglês para se comunicar mais à vontade com os americanos, apesar de achar que lhe bastaria a linguagem universal da sedução para ganhar os braços famosos de Marilyn Monroe. Sim, Marilyn, porque mesmo que ela não fosse uma unanimidade, era o maior mito sexual do século, sem dúvida alguma. Fez algumas expedições ao passado, para maior detalhamento do campo de atuação, e sua experiência de Agente Cronal Nível 2 fazia com que tomasse todas as precauções possíveis para não fazer besteira. Escolheu os poucos instantes antes do suicídio como os mais favoráveis para a conquista.

Um dia, de posse de tudo que era necessário, resolveu

que estava pronto para a empreitada. Recapitulou os passos: iria se transportar até a porta do quarto onde Marilyn acabaria com a vida com uma dose fatal de tranquilizantes, poucos momentos antes dela tomá-la. O *timing* teria de ser perfeito. Vestiu o melhor terno, pingou três gotas de seu melhor perfume, *Songe du Temps* (usado só em ocasiões especialíssimas), arrumou com cuidado o delicado buquê de rosas vermelhas e se preparou. Seu último pensamento antes de passar o cartão Cronal pela caixa registradora, depois de alimentá-la com data e local corretos, foi sobre o pobre Sabará. Pobre diabo! Que cara ele fará quando souber qual foi a minha última conquista.... E sumiu no tempo e no espaço.

À porta do quarto, recapitulou: a atriz estaria deprimida e carente, e a tal ponto que seria levada a se matar. Nada mais fácil para um sedutor profissional demovê-la da idéia para buscar consolo num amante latino inesperado. Preparou-se para bater na porta, ajeitando a gravata. De repente, surgiu diante dele, para a sua surpresa e espanto, um segundo Giacomo. Esbaforido e afobado, usando apenas uma cueca e carregando o terno enrolado nas mãos, o segundo Giacomo disse, de uma tacada só:

- Não se assuste e não diga nada! Apenas escute. A Intempol descobriu tudo e está atrás de mim. Tenho que me mandar. Mas já bolei um plano audacioso e você vai executá-lo. Ouça:

O segundo Giacomo contou, em segundos, o plano que deveria ser executado, e o primeiro arregalava os olhos embasbacado. No final disse o segundo Giacomo:

- Por enquanto, para você tudo está certo. Espere dez segundos, bata na porta, e o *timing* será perfeito. Marilyn vai ficar caidinha... Agora tenho que ir.

Disse, passou o cartão na caixa, e sumiu.

Os dez segundos seguintes serviram para Giacomo pensar na estranheza do que se passara. Encontrei-me comigo mesmo! Espantoso! Bom, nada mais interessante para um vaidoso narcisista como eu. Vamos em frente. Se ele/eu estiver certo...

Dentro da luxuosa suíte, Marilyn acabava de sair do banho, e contemplava as formas nuas no grande espelho do banheiro, os cabelos escondidos pela toalha enrolada em turbante. As pernas fabulosas, a cintura sinuosa, os seios voluptuosos e um colo mais que perfeito desenhavam no espelho meio embaçado pelo vapor a figura quase mitológica, e faziam a base para o rosto estonteantemente atraente da *bombshell*. Fez a pose clássica: botou as mãos entre as pernas, agachou-se um pouco, estreitou os ombros e mandou um beijo para o espelho. Desfez a pose e disse ao seu reflexo, sacudindo a cabeça e entortando a boca sensual:

- Estou acabada! Velha e horrorosa!

Marilyn continuou a inspeção de seu corpo, descobrindo cada vez mais supostas falhas, que a faziam sentir-se como a mulher mais repulsiva do planeta. E aquilo era só o começo. Como seria a decadência total? Ficaria horrível e solitária, abandonada, vivendo das recordações de quando era bela e tinha o mundo a seus pés... Amargaria a decrepitude da velhice implacável, abandonada e desejada apenas na lembrança dos homens. Não, não seria assim. O tempo não derrotaria a sua beleza. Esvaziou

num só gole o copo de cristal cheio de vodka até a borda que estava sobre o balcão entre perfumes, cremes e cosméticos, e dirigiu-se, nua e deslumbrante, até a mesinha de cabeceira ao lado da cama, onde esperava o momento de entrar em ação um vidrinho de tranquilizantes. Marilyn apertou o vidro entre os brancos seios de vênus. Soltou os cabelos loiros e úmidos e encheu outro copo de vodka. Fez escorrer de dentro do vidro todos os comprimidos para a mão. Lembrou-se das duas únicas falas de Shakespeare que havia decorado, de *Hamlet* e de *Romeu e Julieta*. Disse a primeira, dramaticamente:

- *Ser ou não ser...* - e completou, num caco - Não ser!

Ergueu a mão cheia de comprimidos e disse a segunda fala, quando a pobre Julieta, vendo morto o amado, resolve se matar:

- *Sê bem-vindo, ó punhal...* - disse Marilyn, levando o punhado de comprimidos à boca.

Nesse exato momento, ouviu uma batida à porta. Quem seria? Dera instruções expressas para que não fosse incomodada. Colocou sobre a mesinha o punhado de comprimidos e o copo de vodka, vestiu um roupão de seda cor-de-rosa e encaminhou-se à porta. Pelo olho mágico, viu um sujeito moreno, trajando um terno meio esquisito e carregando um buquê de flores. Usava um bigodinho à Clark Gable e tinha os cabelos engomados penteados para trás. Marilyn pensou que fosse um mensageiro trazendo flores *dele*. Oh, poderia ser? Será que *ele* tinha enfim se arrependido e mandado flores para desculpar-se? Ela abriu a porta, sôfrega.

- Sim? - disse Marilyn, com voz lânguida.

Giuseppe teve de reunir grande força de vontade para não gaguejar ou engolir em seco. Conteve a tremedeira nas pernas. Diante dele, envolta no vaporoso roupão de seda cor-de-rosa, exalando ainda a doce fragrância dos sais de banho, estava a mulher mais cobiçada do século, Marilyn Monroe! Mas ele tinha o sangue frio dos grandes sedutores, não fraquejou, e estendeu as flores a ela:

- Srta. Marilyn: às vezes, flores inesperadas são uma grande razão para viver...

Estudara a frase anteriormente, de modo a causar um efeito que se adequasse à situação pré-suicida da atriz.

Marilyn aceitou as flores, surpreendida com a frase, tão perfeita para aquele momento. Realmente, eram lindas as rosas, e aquele estranho tinha um quê misterioso e atraente. Que sotaque era aquele? Sim, era o mesmo sotaque que tinha um latino que conhecera anos atrás, um playboy baixinho e chato, chamado Minle, ou Jingle, alguma coisa assim. Ela disse:

- Muito obrigada, Sr...

- Pode me chamar de Giacomo - e fez uma medida leve com a cabeça.

Que nome estranho e exótico! Pensamentos confusos voaram pela alma atormentada da atriz. Talvez alguém para conversar, um desconhecido misterioso, fosse o que procurava, e aquela visita inesperada tinha evitado, ao menos por enquanto, que desse cabo da vida. Os olhos brilhantes e penetrantes de Giacomo trouxeram uma tênue esperança para o seu espírito. Ainda um tanto indecisa, mas não vendo nada a perder, convidou o estranho, usando mão do seu melhor tom sensual:

- Não quer entrar, Sr. Giacomo?

Giácómo entrou e correu os olhos pela suíte. Viu a grande cama desarrumada, o vidro de tranquilizantes sobre a mesinha e uma garrafa de vodka pela metade ao lado de um copo cheio. A suíte estava aquecida pelo vapor remanescente do banho, e recendia a mil perfumes delicados e atordoantes.

Vinte minutos e meia garrafa de vodka mais tarde, depois de uma sutil batalha de sedução entre os dois campeões, Giacomo desatava o displicente e frouxo laço do roupão e trazia à luz novamente o corpo fabuloso de Marilyn. Ambos possuíam o talento na arte do amor, e travaram uma guerra deliciosa, onde não havia derrotados. Várias e variadas foram as formas com que Giacomo levou Marilyn ao êxtase do amor. E várias foram as vezes em que Marilyn reacendeu o desejo em Giacomo. Passaram-se muitas horas antes que abandonassem os braços um do outro e respirassem normalmente outra vez.

Deitada abraçada a Giacomo, adoravelmente descabelada e esgotada, Marilyn pensava que talvez ainda houvesse esperança afinal. Ao invés da cova fria, onde provavelmente estaria no dia seguinte, estava agora aninhada nos quentes braços daquele fantástico amante. Que surpresas mais lhe armaria o destino?

Giácómo fumava um cigarro, e pensava na cara do Sabará. Coitado. Até sentia pena daquele miserável... Levava um troféu como prova do feito, e escolheu o vidro de tranquilizantes para isso. Marilyn disse:

- De onde veio você, afinal? Acho que você não tem idéia do bem que me fez. Eu estava prestes a fazer uma besteira, sabe...?

Ele deu um pulo da cama. Minha nossa! O plano! A frase seguinte de Marilyn seria a deixa para ele ir embora, porque logo em seguida Macedo e Sobrinho, agentes da Intempol, colegas seus, se materializariam para prendê-lo. Assim tinha dito o outro Giacomo que encontrara no corredor! Correu desesperado para a cadeira onde estava a sua roupa, buscou o Cartão Cronal e enrolou o terço em bola.

- Adeus, querida Marilyn! Nunca me esquecerei de você! - disse, enquanto vestia a cueca.

- Mas... eu disse alguma coisa errada? - perguntou espantada Marilyn, sentando-se na cama.

Mas Giacomo sumia no tempo e, um segundo depois, dois homens de terno surgiram na suíte. Marilyn soltou um grito agudíssimo, cobriu-se com o lençol e desmaiou.

Giácómo tinha o plano claro na cabeça: teria que avisar o outro Giacomo, à porta da suíte. Avisou-o, surpreendendo-se mais uma vez ao falar consigo mesmo, agora em outra Linha de Tempo, mas cumpriu a tarefa. Em seguida fugiu para o passado, para uma ilha que sabia deserta, no Pacífico. Ainda não tinham chegado lá os amotinados do *Bounty* que a batizariam de *Pitcairn*. Sentou-se numa pedra e relaxou. Metra-se numa confusão, estava certo. O outro Giacomo, que encontrara antes de bater à porta de Marilyn, na outra *LT*, estava preso, não tinha escapado de Macedo e Sobrinho. Mas na atual *LT*, graças ao aviso do outro Giacomo, ele escapara. Dormiu um pouco, antes de prosseguir com o plano. O

próximo passo era libertar o Giacomo preso na Prisão dos Homens que Nunca Existiram. O sono foi tranqüilo, e ele sonhou com os braços divinos de Marilyn.

Na manhã seguinte, sem perda de tempo, apesar de dispor de todo que quisesse, Giacomo pegou o Cartão Cronal e repassou o plano: o importante era manter o sangue frio e não se espantar com nada, porque nem mesmo sabia se ia dar certo. Iria tentar um golpe audacioso, mas que poderia trazer terríveis conseqüências para o Continuum-Espaço-Temporal. Mas não se importava com isso. O principal era libertar o seu clone preso na outra *LT*. Afinal de contas, era um Giacomo! Respirou fundo e preparou-se. Sabia o que ia acontecer, mas ainda assim hesitou. Regulou a Caixa Registradora para dez segundos adiante, naquele mesmo local, e passou o cartão.

Durante as duas horas seguintes, de dez em dez segundos um clone seu juntava-se a ele, na mesma *LT*. A cada dez segundos, o Giacomo que chegava regulava a sua caixa para dez segundos à frente no tempo, e assim por diante. Um batalhão de Giacómos se estendia pela areia da praia. Giacomo, o primeiro da seqüência, disse:

- Meus irmãos: esse discurso é inútil, já que todos nós sabemos o que fazer e o que eu vou dizer. Ainda assim, temos que nos organizar para coordenar as ações e libertar o nosso clone preso! Vão, agora, em suas missões, e depois estejam de volta e preparados para invadir a prisão e resgatar o nosso clone querido!

Um segundo depois, todos os Giacómos desapareceram, indo cada um para uma *LT* diferente e um local diferente. Experientes policiais, os Giacómos espionariam todo o funcionamento da Prisão, e quando soubessem o suficiente, a invadiriam.

Outro segundo depois, estavam todos de volta e coordenados para a ação.

Mas havia problemas: alguns Giacómos também tinham sido presos, outros se perderam no tempo. Um deles perdeu o seu cartão na Itália do século dezoito, e ficou por lá. Adotou o sobrenome Casanova, e se tornou o terror das mulheres do tempo. Os Giacómos eram sedutores incorrigíveis, e resolveram tentar a proeza de conquistar o maior número de mulheres possível no maior número de *LT*'s diferentes possível, e retornaram um tanto esgotados. Mas, de um modo geral, estavam todos prontos. Invadiriam a Prisão, como um exército, e libertariam todos os Giacómos lá presos.

Macedo e Sobrinho estavam desesperados. Prenderam Giacomo, mas alguma coisa acontecera, e havia milhares de Giacómos espalhados por toda a parte, transformando em caos o CET. Em uma *LT*, havia estourado a Terceira Guerra, causada por uma desilusão amorosa: O Presidente Kennedy havia bombardeado a URSS em 63, emocionalmente desequilibrado por ter sido abandonado por Marilyn Monroe. Em outra *LT*, o mundo era habitado apenas por Giacómos e Marylins, e assim por diante, numa sucessão de *LT*'s absurdas. Os superiores já estavam irritados, e eles tinham que fazer alguma coisa. A supervisora Mariete falou:

- Imbecil! Como é que deixaram aquele idiota escapar?!

- Não sei, supervisora. Mas foram duas *LT's* diferentes. Numa, conseguimos prendê-lo, mas na outra ele escapou. Esse fujão é que aprontou toda a confusão.

- Vou ter que cuidar do caso pessoalmente. Tragam aqui o Giacomino preso - disse a supervisora Mariete, ajeitando os óculos.

Macedo e Sobrinho foram buscar Giacomino em sua cela.

- A supervisora Mariete quer vê-lo - disse Macedo.

Sobrinho e Macedo escoltaram-no até a sala da supervisora.

A supervisora Mariete olhou com repulsa e desejo para Giacomino. Como pude fazer tal besteira?, pensou. Afinal, fui eu quem causou toda a confusão, promovendo um sujeito não qualificado a Nível 2. A supervisora se lembrava da noite de amores nos braços de Giacomino, e se perguntava se valera a pena. Sim, valera, mas agora teria que consertar tudo. Ela disse:

- Sabe o que você fez, Giacomino?

Não, não sabia. Não naquela *LT*.

A supervisora Mariete contou-lhe tudo. Estava bem informada, a Intempol não brincava nas investigações. Sabia até mesmo que os Giacominos se reuniam em Pitcairn e que se preparavam para invadir a prisão e resgatar aquele Giacomino.

- Quero fazer um trato com você. Antes vou lhe confessar uma coisa: perdemos o controle da situação. Os superiores querem apelar para uma decisão radical, que seria dissolver todas as *LT's* do *CET* e começar tudo de novo, por sua causa. Desse modo, até mesmo eu não existiria, e gostaria de evitar isso.

Giacomino estava espantado com tudo aquilo. Tudo o que quis foi conquistar a mulher mais sedutora do século, nada mais. Não tinha idéia de que isso fosse causar o final dos tempos. Sentiu-se meio desamparado, e pela primeira vez abdicou de sua arrogância de sedutor, apesar de saber que tinha sido ela - a supervisora Mariete - a verdadeira culpada:

- Farei o que quiser, supervisora.

- Muito bem. Então escute. Ontem tivemos uma reunião e conseguimos encontrar uma solução, mas precisamos da sua ajuda. Você será libertado, e impedirá que os seus clones invadam a Prisão. Terá que convencer a todos de se auto-exilarem em uma ilha deserta, já escolhida por nós, e entregarem o seu Cartão Cronal. Todos, assim, viverão para sempre numa ilha do Pacífico, em *LT's* diferentes e distantes cem anos entre si - sem se encontrarem, portanto. Terá a companhia de uma mulher que aprontou uma confusão semelhante e está presa aqui. Assim vocês ficarão afastados de confusões, e nós nos livraremos de você, visto que mesmo preso você é um perigo.

Giacomino sentiu um grande desânimo. Sentia-se muito cansado, e queria livrar-se daquele pesadelo. A perspectiva de viver para o resto da vida numa ilha, na companhia de uma única mulher, não era das melhores, mas também não era das piores. Ele perguntou:

- Quem é a mulher?

- É uma louca que aprontou uma grande confusão, roubando o Cartão Cronal de algum Giacomino, provavel-

mente. Tudo para salvar um filho pequeno que morreria na explosão de Cracatoa. Sem experiência, a mulher quase virou o *CET* de cabeça para baixo, mas conseguimos apanhá-la, e creio que ela concordaria com a proposta. Você não precisará se preocupar com a sobrevivência. Vamos aposentá-lo como Agente Nível 2, e isso o sustentará com conforto. Mas não poderá abandonar a ilha.

- E como vou encontrar os meus clones?

- Eles estão vindo aí, para libertar você. Fale com eles. Se você aceitar a proposta, eles também aceitarão, é claro.

- Eu aceito

A supervisora Mariete soltou um grande suspiro. Conseguira consertar a besteira, mas dali em diante pensaria dez vezes antes de aceitar um convite para jantar à luz de velas com qualquer um.

Giacomino pensou: Que pena, jamais vou poder ver a cara de espanto do Sabará...

O sol já tinha se posto, e Eugênio olhava para o velho Giacomino sentado na sua cadeira predileta. A história era inacreditável, mas batia em quase todos os aspectos com a oficial, apesar desta última minimizar em muito as consequências das loucuras de Giacomino. Disse afinal:

- Sr Giacomino, muito obrigado. A matéria vai ficar excelente. Mas tenho que me apressar. Soube que amanhã chegará por aqui um furacão, e quero evitá-lo. A última barca para o continente sai em dez minutos.

A velha Saviana disse:

- É o tempo de provar uns bolinhos...

Eugênio saboreou os bolinhos, contemplando calado o ambiente modesto mas acolhedor da casa onde Giacomino passara os últimos quarenta anos em companhia da morena Saviana. Difícil imaginar que aquele pacato casal de velhinhos tinha quase causado o final dos tempos. Giacomino, por querer conquistar todas as mulheres de todos os tempos, e a velha Saviana por salvar um filho condenado em Cracatoa. Eugênio levantou-se e se despediu.

O velho Giacomino ficou um longo tempo olhando o céu escurecer mais e mais, sentindo no rosto e nos cabelos, viajando no vento fresco, os prenúncios do furacão do dia seguinte. O vento, prefácio do tufão, trazia uma fragrância distante, um perfume enebriante, que o fazia reviver uma certa noite de 1962... O odor lembrava uma mistura de *Songe du Temps* com sais de banho, perfumes femininos delicados e cheiro natural de bela mulher. Era fácil adivinhar os pensamentos do velho Giacomino.

Na estante da sala, no lugar de honra, um troféu: um vidrinho vazio de tranqüilizantes. A velha Saviana cantrolava uma canção nativa, enquanto lavava a louça.

Apoiando-se num cordame da barca, um tanto mareado pelo jogar da embarcação no mar grosso e meio zonzozinho com a história do velho, Eugênio perguntou ao timoneiro, que mantinha firme o leme, o nome do furacão que se aproximava. Sabia que os meteorologistas costumavam batizar os furacões com nomes femininos, mas não sabia por quê. O timoneiro respondeu:

- Marilyn.

Júlio Verne:

O Precursor da Ficção Científica Moderna

Comemora-se em 98 os 170 anos do nascimento do maior visionário do século XIX

□ Hidemberg Alves da Frota

Desde 31 de janeiro de 1863, quando foi lançada a primeira edição francesa de *Cinco Semanas em um Balão*, aos dias de hoje, em que duas redes de televisão norte-americanas realizam novos remakes de 20.000 *Léguas Submarinas*, Júlio Verne (1828-1905) tem nos maravilhado com o seu prodigioso talento, que não só deu o pontapé primordial para o surgimento de um filão do meio literário concentrado em ficção-científica, como popularizou muitas das conquistas científicas da época e revelou ao mundo o real potencial das revoluções tecnológicas que estavam acontecendo nos meados do século XIX.

Apesar das obras literárias vernianas serem uma boa leitura para todas as idades, são os jovens que historicamente têm se fascinado mais por elas. Eu, por exemplo, comecei a ler pela primeira vez um romance, por livre e espontânea vontade, ao abrir o texto integral da *Viagem ao Centro da Terra*. É claro que a popularidade de Júlio Verne não é a mesma de quando morreu, há nove décadas atrás, mas tem se mantido ao longo dos anos como um dos escritores oitocentistas mais conhecidos do público contemporâneo, tanto é que facilmente encontra-se livros do autor francês em qualquer sebo, o que pode não acontecer em se tratando de outro ficcionista da sua geração.

Do teatro à literatura — Se desconhecêssemos quem foi Júlio Verne seria impossível acreditarmos que um jovem gaulês de Nantes, estudante de Direito e aspirante a dramaturgo, viria anos depois a ser um escritor de romances científicos ou *Viagens Extraordinárias*. Verne

nunca teve a pretensão de prever o futuro, nem teve formação acadêmica para discorrer acerca dos rumos da ciência. Entretanto, uma pista do seu destino poderia vir da atração que tinha na infância por aventuras, principalmente aventuras ligadas ao mar. Aos 11 anos embarcou no veleiro, o *La Coralie*, a caminho das Índias e só não continuou com a viagem porque em Paimboeuf, ainda em território francês, foi pego por seu pai.

Outro episódio lendário, e que foi o ponto de partida para sua iniciação no teatro, se deu numa festa onde Verne teria escorregado pelo corrimão da escada e caído em cima do fanfarrão Alexandre Dumas pai. O autor de *Os Três Mosqueteiros* a partir daí criaria fortes laços de amizade consigo e entraria para a história como um dos seus maiores incentivadores (seja para a carreira artística seja para a vida boêmia).

Mesmo que na década de 1850 a sua prolífica produção artística tenha sido um fiasco em matéria de qualidade, certamente estes anos foram os que preparariam Verne para ocupar seu lugar dentre os imortais da Literatura. As idéias prematuras sobre as *aventuras extraordinárias*, a influência de Edgar Allan Poe, os desencantos com o matrimônio, o ambiente intelectual de Paris, todos esses fatores unidos, confeririam a ele, ainda na casa dos trinta, os alicerces necessários a incursões mais maduras na arte de escrever.

Resultado disso é o romance *Cinco Semanas em um Balão*, um sucesso aliás, que foi fruto da biografia de seu amigo, Felix Tournachon, o famoso Nadar, um fotógrafo obcecado por balões e considerado atualmente o pai da aerofotografia.

A fórmula do sucesso — Havia um nicho no mercado literário a ser preenchido. Júlio Verne não sabia em que terreno estava pisando, porém sabia que estava pisando em algo quente, como escreveu Bruce Sterling, um dos maiores escritores de FC dos últimos quinze anos. Após anos perseguindo a fama e o reconhecimento, o astuto francês provou o gostinho da fama e não quis deixá-la ir embora.

Sua grande sacada foi a de aspirar os ares de encantamento com os prodígios da ciência e tecnologia das pessoas daquela época, que deslumbradas botavam fé nas promessas da industrialização e apostavam todas as fichas num futuro belo e melhor.

Verne empregou uma fórmula para se manter no cume dos “best-sellers”: narrativas amparadas no que havia de vanguarda nas ciências, em que abusava do didatismo científico, enchendo o leitor de pilhas e pilhas de informações detalhadas e personagens, talvez não muito convincentes, mas cheios de espírito aventureiro.

Se por um lado pôde transpor para seus livros os ideais, sonhos e frustrações da adolescência, ao envelhecer foi perdendo o pique para antecipar tendências e inovar a forma de ver o mundo: rendeu-se ao lado comercial da Literatura, acomodando-se com o sucesso.

“Paris no Século XX” — É ponto passivo para muitos que Júlio Verne era um otimista exacerbado, quem sabe ingênuo. Uma dúvida contundente a esta crença generalizada é *Paris no Século XX*, publicado aqui no Brasil pela Editora Ática, pois as obras pessimistas de sua carreira vieram à baila nos

últimos anos de vida, em tempos que sentia-se velho, enfermo e isolado. Este, ao contrário, foi o segundo romance enviado ao seu editor, Hetzel, e o primeiro a ser rejeito por ele – Verne a pouco virara quarentão e colhia os louros de “Cinco Semanas em um Balão”.

Quando seu pai falecera, no dia 24 de março de 1905, Michel Verne publicou uma compilação de todos os trabalhos que o seu genitor escrevera, mas que não tinham saído do prelo. No final deste século apenas uma obra que constava nesta lista ainda não fora editada, era “Paris do Século XX”. Até que em 1986 Piero Gondolo della Riva, vice-presidente da *Sociedade Júlio Verne*, remexendo o arquivo particular dos herdeiros de Pierre-Jules Hetzel, acha uma carta do editor comentando o romance, que estava em anexo, e recusando-o.

Ao escrevê-lo Verne deu um salto de cem anos, abordando a Paris que pensava que fosse existir em 1960. Em poucas palavras, “Paris do Século XX” foi para o autor uma oportunidade para fazer uma projeção dos avanços tecnológicos e para onde eles nos levariam, principalmente quais seriam os rumos da cultura e arte pós-industriais. Indubitavelmente Verne exagerou, foi um pouco além da conta ao propor que os homens e mulheres do futuro, ao invés de cultuarem na prosa e verso o ser humano ou a natureza, idolatrassem a técnica e a ciência, ao ponto de redigirem *Meditações sobre o oxigênio*, *Paralelograma poético* ou *Odes descarbonatadas*.

Não obstante, acertou em cheio ao insinuar que a tecnologia e as ciências aplicadas ofuscariam as artes e humanidades e extasiariam toda a sociedade, ocupando o mesmo palco, de grande ressonância, que foi do humanismo renascentista. Bons exemplos são a extinção das aulas de latim e grego do currículo escolar, previsto por Verne; a fragmentação da música em sons eletrônicos, freqüentemente sem nenhum nexo artístico-musical - alavancada pelo movimento “techno” e “dance” dos anos 90; e a desorientação estética das artes em geral, ou as semelhanças entre a pintura

abstratista e os fractais da geometria não-euclidiana.

Júlio Verne e o Presente – Júlio Verne pôde não ter tido a intenção de “prever” o futuro, mas muitas coisas que foram postas em seus 64 romances hoje são parte da realidade, apesar dos submarinos nucleares não serem da imponência do *Nautilus* do Capitão Nemo. Basta, para tanto, usarmos como referencial as coincidências entre “Da Terra à Lua” e a missão *Apollo*.

A realidade imitou a ficção e os Estados Unidos lançou o primeiro veículo em direção da Lua. O tamanho e forma da nave projetada por Verne assemelha-se bastante ao módulo de comando da *Apollo* – localizava-se no bico do foguete, onde ficavam os astronautas. A tripulação era formada por três homens; a base de lançamento no romance estava perto donde os foguetes da missão *Apollo* realmente levantaram vôo, no Cabo Canaveral – Flórida. Houve de fato competição entre os estados da Flórida e Texas para sediar os lançamentos – o Congresso dos Estados Unidos decidiu que a Flórida ficaria com a base de lançamento, no *Kennedy Space Center*, e o Texas com o controle da missão, em Houston. Um telescópio era capaz de observar as missões – na explosão da *Apollo 13* o telescópio do *Johnson Space Center* observou tudo da Terra. A nave espacial de Verne utilizaria foguetes reutilizáveis, o que aconteceu quando o homem pisou na Lua, na *Apollo 11*. Como pensava o francês, os astronautas passaram por situações em que havia ausência de peso. E, por fim, a *Apollo 11* caiu no local do oceano Pacífico que tinha sido proposto por Verne.

A mais nova “previsão” verniana comprovada se deu em 18 de agosto de 1993, dia em que o *Delta Clipper*, um foguete capaz de subir e descer verticalmente, voou pela primeira vez...

Na Internet

Para os internautas fica a dica do melhor e mais completo *site* sobre Júlio Verne, em <http://www.math.technion.ac.il/~rl>

Jules Verne, organizado pelo israelense Zvi Har'El, que conta com: compilação de novelas, contos, romances, ensaios e entrevistas de JV, em inglês e francês, disponíveis na Internet e nas livrarias e sebos mundo afora; dezoito páginas com 67 selos relacionados ao autor e suas obras; traduções hebraicas; um catálogo de *links*; resenha sobre a *The Jules Verne Encyclopedia* e como adquiri-la; a *Jules Verne Virtual Bookstore* - livraria cibernética construída em parceria com a maior do mundo, a *Amazon.com*; trabalhos acadêmicos sobre JV e a música, em formato .au, e a letra, em inglês e hebraico, de *Around the World*, cantado por Nat King Cole em 1957.

Se depois dessa incursão virtual sobrar fôlego, não custa nada prestar uma visita a outras excelentes *home-pages*: * *North American Jules Verne Society* - <http://www.interlog.com/~anash/najvs.html>.

A sociedade norte-americana para estudos das obras e perpetuação do legado verniano, fundada por Andrew Nash (em inglês);

* *Garmt de Vries' Jules Verne Collection* - <http://www.fys.ruu.nl/~gdevries/verne/verne.html>.

Jogos das “Viagens Extraordinárias”, troca de livros, certificado de nascimento de Verne, *Sociedade Júlio Verne* holandesa, bibliografia verniana, objetos de coleções do administrador da página relacionados ao escritor francês (em inglês);

* *Les voyages extraordinaires* - http://www.xnet.com/~djk/JulesVerne_Works.shtml.

Compilação completa das obras de JV (em inglês);

* *The Life and Works of Jules Verne* <http://avery.med.virginia.edu/~mtOf/flips/jules.html>

Resenhas, fotos, breve biografia e bibliografia com os livros mais vendidos de JV, com a data de publicação (em inglês);

* *Les éditions françaises de Hetzel* - <http://saets.ssd.u-bordeaux2.fr/fabien/Verne/>.

Informações sobre as edições francesas do editor de JV (em francês).

* *Bibliophiles Universels* - <http://www.cedric.cnamfr/ABU>. Obras on-line de JV (em francês).

* *Jules Verne, le scaphandrier des abîmes* - <http://ourworld.compuserve.com/h>

omepages/GillesCarpentier/verne.htm

Considerado ser especialmente interessante pela parte sobre "A Volta ao Mundo em 80 dias" (em francês).

Jules Verne, par Frédéric Viron - <http://www.geocities.com/Paris/5603/>.

Outra página pessoal que vale a pena

ser visitada, a melhor da *Geocities* sobre o assunto (em francês).

Hidemberg Alves da Frota é editor do *Frota News On-Line*. E-mail: fnol@netium.com.br - Home-page: <http://www.netium.com.br/FNOL>.



Robert E. Howard

□ Carlos Orsi Martinho

Robert E. Howard e Clark Ashton Smith são, provavelmente, dois dos talentos mais subestimados da arte fantástica do século 20. Smith, muito provavelmente, deve esse "status" ao fato de ser pouco conhecido — não obstante seja citado, por Ray Bradbury, como uma de suas principais inspirações. Já Howard sofre do fenômeno oposto: sua obra foi de tal forma distorcida e mercantilizada por diversos meios (cinema, TV, quadrinhos) que o que a maioria das pessoas conhece, hoje, sobre esse autor vem de pastiches de terceira ou quarta geração, sem qualquer relação com a obra original. De Smith tratarei, com mais detalhes, em um artigo futuro; por ora, vamos nos concentrar em Howard.

Robert E. Howard é tido como o responsável pelo surgimento do gênero literário que viria a ser conhecido como "espada & feitiçaria". Esse gênero é definido por aventuras de um tom obscuro, com muitos temas e recursos "importados" do conto clássico de terror, mas passadas em reinos míticos ou pré-tecnológicos. O tema recorrente da e&f é a inevitabilidade da morte e a absoluta falta de sentido da vida humana: pois todas as guerras, obras e feitos heróicos serão esquecidos; impérios e civilizações, não importa o quanto tenham brilhado em seu apogeu, sempre acabam reduzidos a poeira. Talvez a primeira história de e&f tenha sido a tragédia "Macbeth", de Shakespeare.

O mundo da e&f é vazio, violento e desprovido de esperança. Mesmo que os heróis consigam manter o Mal à distância por algum tempo, essa é uma vitória, em última análise, insignificante — afinal, o Mal não tem pressa. Esse desespero existencial que permeia a e&f é bem distinto do tom geral da chamada Alta Fantasia, gênero que seria criado por JRR Tolkien nos anos 40.

Os personagens da Alta Fantasia sofrem e morrem, mas em compen-

sação conquistam sabedoria, e deixam um mundo melhor atrás de si.

Os heróis da e&f sabem que toda sabedoria é vã e que, mesmo que o mundo pareça melhorar, logo um novo ciclo de decadência terá início. O único paralelo, em termos de temática e visão do ser humano, talvez seja o conto "cyberpunk" em sua fase mais radical.

Além de pai da e&f, Howard também é apontado, várias vezes, como o principal criador do gênero da Fantasia em sua forma moderna. Ao criar seu personagem mais famoso, o cimério Conan, e mesmo antes, com Kull da Atlântida, Howard definiu um mundo mítico com nações, povos, raças e história próprios, chegando até mesmo a desenhar um mapa. Esse tipo de "geografia fantástica", que hoje é um lugar-comum da fantasia moderna, surgiu pela primeira vez com a Era Hiboriana de Conan. Sempre é bom lembrar que Howard cometera suicídio, já como um escritor razoavelmente famoso, em 1936. A obra de Tolkien só viria a ser publicada nos anos 40.

Mas, para além desse mérito histórico, Howard teria também algum mérito literário? A resposta é sim — inegavelmente. Howard possuía um ouvido único para a língua inglesa, e muitos de seus trabalhos são rítmicos, como poemas em prosa. Além disso, ele era um competente construtor de enredos, tinha uma visão particular da realidade que sabia passar de forma poética em seus textos e, não menos importante, era um mais do que hábil contador de histórias.

A disputa nesse sentido só surgiu, na verdade, quando L. Sprague de Camp entrou na história de Conan. Nos anos 50/60, quando houve um "revival" de Fantasia nos EUA, de Camp foi contratado para editar as obras de Howard. O que ele fez, na verdade, foi reescrever inúmeros contos, criar suas próprias histórias para preencher "buracos" na cronologia de Conan e se apoderar de textos estrelados por outros person

gens de REH — como o explorador Francis Xavier Gordon, uma espécie de Lawrence da Arábia em versão "pulp" — e transformá-los em aventuras de Conan. Para justificar suas intervenções, de Camp usou o argumento de que Howard era um escritor limitado, e que seus trabalhos exigiam revisão.

Estudiosos sérios da obra de Howard, como muitos membros da REHUPA (Robert E. Howard United Press Association) acreditam que de Camp fez isso movido por puro interesse comercial, e que absolutamente nenhuma de suas intervenções nos textos originais foi benéfica, desejável ou necessária. De qualquer forma, hoje os direitos de copyright de de Camp estão tão entremeados aos dos próprios herdeiros de Howard, no que diz respeito a Conan, que Sprague é um dos cotistas da Conan Properties, Inc., empresa que administra a franchise.

Mas nem só de Conan vive a obra de Robert E. Howard. Existem personagens contemporâneos ao autor, como o já citado Francis Gordon e os investigadores do paranormal Kirowan, Conrad e O'Donnel; há o rei Kull, de Valússia; há Bran Mak Morn, líder de uma tribo bárbara que resiste à tentativa de ocupação romana na Escócia (um dos contos da série de Bran, "Worms of the Earth", é um clássico do terror); há o puritano Solomon Kane; e há Turlough O'Brien, um guerreiro irlandês da Idade Média. Há também James Allison, um aleijado que vive aventuras fantásticas ao recordar, em momentos de delírio, suas vidas passadas.

Turlough O'Brien é um personagem pouco conhecido, mas representa a figura quintessencial da obra de Howard, e da espada & feitiçaria em geral. Um guerreiro noturno, movido por um misto de senso de dever, orgulho racial e sede de vingança, O'Brien é uma pedra de gelo por fora e uma fornalha de ódio e paixão, por dentro; é alguém que mata sem

piedade para proteger sua tribo e sua raça, mesmo sabendo que nenhuma das duas irá resistir para sempre. Um dos contos da saga de Turlogh, "The Dark Man", é um clássico não apenas como peça de fantasia ou ficção histórica, mas da Literatura; é onde a poesia, o senso de destruição inevitável e o instinto sanguinário se encontram e se complementam.

Howard costuma ser acusado de racista. E, de fato, Robert E. Howard desposava as crenças etnológicas de seu tempo — segundo as quais haveria um ramo específico da raça branca, chamado "ariano", que teria dominado toda a Europa ainda durante o neolítico; e que os arianos seriam intrinsecamente superiores aos demais povos de pele branca (como os latinos, mediterrâneos, ibéricos e judeus) e que negros e orientais estariam "abaixo" dos brancos na escala evolucionária.

Nos anos 20 e 30, esse conceito era o que passava por ciência antropológica; e Rudyard Kipling já havia falado no "fardo do homem branco" — que teria sido encarregado por Deus de levar a ciência, o cristianismo e a civilização aos "selvagens". Some-se todo esse substrato cultural ao fato de Howard ter nascido no

Texas (um dos Estados mais racistas dos EUA) e a equação se completa.

O racismo de Howard, no entanto, era de uma natureza mais "tribalista". Ele gostava de personagens que se mantinham fiéis à raça ou à tribo, fosse qual fosse. Considerando-se um ariano, REH escrevia sobre guerreiros dessa "tribo" em luta contra membros de "tribos inferiores". Ao mesmo tempo, no entanto, ele criou toda uma saga sobre os pictos — uma das raças supostamente esmagadas pelos "arianos superiores". E os heróis dessa saga são os próprios pictos, lutando de forma brava e honrosa para deter a marcha do inevitável.

Além de Fantasia Histórica e espada & feitiçaria, REH também escreveu contos de terror (colaborando na elaboração dos "Mitos de Cthulhu"), mistério, ficção científica e de um gênero muito peculiar dos anos 30, chamado "weird menace". Nessas histórias, o vilão sempre se vale de recursos que parecem sobrenaturais — mas que no final se revelam como (pseudo)científicos (drogas, hipnotismo, "raio da morte", etc.).

Dentre os trabalhos de ficção científica de REH, dois são especialmente dignos de nota: um é o conto "People of the Black Coast", onde

uma raça inteligente não-humana, vivendo em uma ilha do pacífico, encontra um casal de náufragos. Movidos por curiosidade, esses seres acabam matando a mulher; e o homem, enlouquecido, diz algo como "eles são mais inteligentes que nós humanos; mas, assim como o tigre, que é menos inteligente que o homem, eu sou mais forte, mais rápido e mais selvagem. E até que eles pensem em uma forma de me deter, juro que irei matar o maior número possível deles. Pois eles mataram minha mulher, e eu sou um animal ferido". Poucas vezes, creio, os limites entre o humano e o animalesco, entre o racional e o emocional, foram abordados de forma tão contundente. Outro trabalho de ficção de Howard é o romance *Almuric*, uma aventura interplanetária nos moldes das histórias marcianas de Edgar Rice Burroughs.

Em 1936, ao saber que sua mãe havia entrado em coma irreversível, Robert E. Howard se matou com um tiro. As razões exatas do suicídio nunca ficaram claras (complexo de Édipo? stress emocional?). Há pouco tempo, um filme independente, chamado "The Whole Wide World" foi produzido com base nas memórias de uma ex-namorada de REH.

Megalon Online

O mais premiado fanzine brasileiro de ficção científica e horror conectado ao mundo via internet. Você que já está em conexão com a rede mundial de computadores pode agora saber das últimas novidades do estado do gênero fantástico do Brasil em qualquer lugar do planeta. A mesma qualidade consagrada da edição impressa, mais atrações exclusivas só encontradas online e em edições mensais!

= Editoriais (várias edições)

= Diário do Fandom (atualizado mensalmente);

= mais contos e artigos do que na edição impressa;

= mais "Terras Alternativas", de Gerson Lodi-Ribeiro;

= mais "FC BR", de Jeremias Morano;

= Links exclusivos com os mais destacados websites de ficção científica e horror em língua portuguesa, mais a prestigiosa revista americana *Locus*;

= Ensaios já publicados em edições impressas com destaque especial no link 'Exclusivo'; e o principal:

= O livro *Fantastic, Fantasy and Science Fiction Literature Catalog*, organizado por Braulio Tavares, com edição da Biblioteca Nacional, para divulgação da literatura fantástica brasileira junto às editoras estrangeiras. Versão em língua portuguesa, revisada, atualizada e aumentada.

Não perca mais tempo! Visite agora o **Megalon Online**:

<http://www.netium.com.br/fnol/megalon.htm>

Ivan Carlos Regina ataca novamente. Depois de encantar os amantes do futebol com o elegíaco “Santos F.C.”, publicado na antologia *Outras Copas, Outros Mundos*, Ivan solta sua verve corrosiva numa história por vezes estranha, por vezes absurda, por vezes engraçada, mas nunca menos que perturbadora. Confira lendo o...

Diário del Bigodon

□ **Ivan Carlos Regina**

1) Na minha casa

Estava acabando de assistir a um episódio daquele seriado do século passado, *Star Trek*, quando a polícia bateu na minha porta. Eram três rapazolas, provavelmente recém saídas do curso de formação, pois, após me cumprimentarem com muito respeito, apresentaram a ordem de prisão com todo o formalismo possível. Notava-se que estavam com muito medo de mim, embora eu não soubesse o porque. Na ocasião eu vestia uma bermuda e chinelos e mastigava uma piza de pacote, o que não deveria parecer assustador. Disse “Está bem já vou”. Deixe-me esperar o Capitão Kirk beijar a loura, como sempre acontece. Anuíram. Sentram-se em cadeiras perfiladas, tensos, com a mão na arma. Dez minutos depois fomos até o Juiz Criminal.

2) Com o Juiz

Dr. Rubens é uma pessoa muito fina. Sentou-se a cerca de um metro de mim e conversamos duas horas. Não dá para contar tudo o que ele me disse. Resumindo falou que hoje sou a ameaça pública número 1, mas que não há provas conclusivas pra me prender, e que também este não era o objetivo do Estado, mesmo porque não ia adiantar nada. Sinceramente, não sei do que me acusam. Se tenho vícios, só um se destaca: assistir velhos seriados de televisão. Trabalho (sou digitador), enjôo do computador e passo minhas horas de lazer na frente da telinha. Há algum mal nisto? Quase todas as pessoas não vivem assim também? Ao final da conversa, Dr. Rubens me propôs internar e num Nosocômio de máxima segurança, matido pelo Estado. Deixou claro que não era uma prisão, que eu poderia entrar e sair quando o desejasse, apenas que iniciaria um tratamento para meu “dom especial”, que nem mesmo eu conheço. Não quis se abrir mais. Como não tinha outra perspectiva, aceitei. Fui transportado pelos mesmos três patetas.

3) No Nosocômio

É um prédio impressionante. Circular, aproveitou a planta de uma usina nuclear desativada. Fui recebido com todas as honras, pelo Presidente Diretor. Disse-me que eu era altamente recomendado e que fazia questão que a minha presença ali fosse um sucesso. Que não hesitaria de o procurar quando fosse preciso. Após esta conversa passamos a um vestibulo anexo onde tomamos um vinho do Porto muito antigo, um brinde. Notei que o Diretor estava com muito medo de mim. Não via a hora de que eu saísse do seu gabinete. Apesar disto, cumpriu bem seu papel. Fui entregue a um sub diretor, também assustado, que me disse que eu seria internado no Ninho 311 da Ala Oeste do Nosocômio, especialmente selecionado, adaptado e redecorado para minha convivência.

4) No 311

Aqui, não existem nomes. E, mal entrei, fui designado “El Bigodon”. Somos em cinco neste ninho, conforme me informou meu companheiro Rastejante. Quando cheguei, fui direto ao meu quarto. Cada membro do ninho possui um, muido de televisão não só dos canais convencionais como de circuito de TV interna, onde podemos sintonizar o que se passa na sala central (área de convivência) de nosso ninho. Logo depois, bateram à porta. Entrou uma figura muito curiosa. É um homossexual assumido. Usa uma pentalona comprida, riscada de vermelho e laranja, que combina com suspensórios do mesmo sentido. Calça sapatilhas vermelhas de balet. Além de careca, foi transformado para ter um enorme traseiro saliente e tetinhas. Causou-me asco instantaneamente. Deixei claro que não gosto de gays e que não me importunasse, o que me prometeu de imediato. É subserviente, meloso. Transportou minha mala, e queria arrumar minhas roupas no armário. Não deixei. Foi ele que, após apresentar-se como Rastejante, me apelidou de Bigodon. Disse também coisas que eu não entendi: que eu era bastante conhecido e temido por todos ali e lá fora. Retruquei que não o conhecia, que nunca o tinha visto na minha vida. Ele se ofereceu para engraxar meus sapatos, cozinhas caso a comida do refeitório não me agradasse, enfim, o que eu precisasse ele estaria ali para me servir. É asqueroso.

5) Apresentações no 311

Sintonizo a TV no canal interno e fico conhecendo meus companheiros de ninho: Comerda é um homem musculoso, de cerca de dois metros de altura. Tem olhos azuis. Foi transformado. Possui uma boca artificial, metálica, com dentes afiados como agulha. Ao invés de mãos, têm uma série de lâminas encaixáveis, tipo navalha. Deve ter dificuldades para controlar um garfo e faca. Urinol é um velhinho paraplégico, movimenta-se numa cadeira de rodas computadorizada. Tem cabelos brancos encaracolados. Controla excepcionalmente o seu veículo através do painel de comando. É nervoso e agitado. Penislongo é o mais estranho dos três. Sua transformação foi uma das mais radicais que já vi. No lugar onde deveria estar seu nariz tem uma agulha. Seus olhos são multifacetados. Tem movimentos angulosos, parece um pernilongo ou um gafanhoto. Dá a mesma sensação na gente de um inseto nojento.

Sai para o corredor. Os três, ao me verem, tremem de medo. Pelo aspecto deles, era eu que deveria estar temeroso. Rastejante tenta cumprimentar-me. Urinol vai para o seu quarto. Penislongo dá pulinhos ao redor da baixa mesa central. Minha aparição causa um reboliço. Voltei também para o meu quarto. Não sei o que estou fazendo aqui.

6) Lazer no 311

Aqui o tempo não passa. Se fui condenado, foi ao tédio e ao enfado. Há coleções completas de velhos seriados de TV, parece que de propósito para mim. Há uma pequena estante com livros, que folheio ocasionalmente. Talvez eu peça algumas fitas de referência, preciso estudar alguma coisa para não ficar louco de não fazer nada.

7) Minha alimentação no 311

É simples e interessante. Sintonizo no canal 32, escolho o cardápio, clico na opção desejada e pronto. Às doze em ponto chega o almoço, por exemplo. Normalmente prefiro comida japonesa. Gosto da italiana, mas engorda muito. As saladas são bem verdes e fresquinhas, tudo é de primeira. Nunca passei tão bem na minha vida.

8) A alimentação dos outros no 311

É de madrugada. Acordo com um barulho estranho: Méééé, méééé! Sintonizo no canal interno. Na mesa central tem uma ovelha amarrada. Meus colegas de ninho estão em volta dela. Rodeiam-na, excitados. Urinol dá risadas. Baxa a calça. Tem um pinto curtinho, metálico. Aponta para a cabeça do animal e mija. A ovelha bale muito alto, grita muito. Esperneia, se contorce de dor. Olho para sua cabeça e percebo tudo. Um olho já foi perfurado, começam a aparecer os ossos da face. O velhinho também foi transformado, só que internamente. Mija ácido sulfúrico. E ri. E goza de ver o sofrimento do bicho. Rastejante está fazendo sexo oral em Penislongo. Este, visivelmente alterado, bica o pescoço da ovelha, chupa seu sangue. É um viciado vampiro. Dá pulinhos. Comerda senta defronte a uma mesa, e começa, com suas mãos, a cortar a barriga da ovelha. Come os intestinos do animal, chafurda nas glândulas e nas vísceras. Entendo seu apelido. Rastejante também está lhe masturbando. Penislongo continua a chupar. só que agora enraba Rastejante por trás. É uma cena chocante até para nosso tempo de violência. A ovelha está parcialmente desfigurada na cabeça e nos troncos. Está morrendo lentamente, sofrendo dores. As figuras gozam. Penislongo dentro de Rastejante, e Comerda em sua boca. Sujam tudo de porra. O chão e a mesa estão repletos de sangue e porra. Urinol volta para o seu quarto. Penislongo continua tremendo os últimos tremeliques do orgasmo. Comerda, saciado, arrota um canto para dormir. Rastejante, somente agora se masturbando, lambe a sujeira que está sobre a mesa e no chão. Vai ficar fazendo isto o resto da noite. É tarde e preciso dormir. Não tenho nada a ver com a vida dos outros.

9) Aniversário no 311

Fiz ontem uma semana de Nosocômio. Teve uma festinha surpresa para Rastejante, que fazia aniversário. Bolo de chocolate, docinhos e champanha. Apesar de não gostar do tipo, tomei um golinho. Hoje apareceu o psiquiatra. Vestia uma armadura de metal, à prova de ácido. Reiterou que sou livre para sair quando quiser. Neste ambiente, tinha medo de mim. Disse-lhe que não sei a razão de estar aqui. Combinamos que após o final de semana eu voltaria para casa, só retornaria se quisesse. Três dias passam rápido.

10) Hoje é segunda-feira, decretamos feriado

Vieram os quatro se despedir de mim. Rastejante quis me dar um beijinho, não permiti. Comerda de um urro, Penislongo três pulinhos de saudação. Urinol fez um cumprimento formal. Apesar da educação, estavam apavorados, só que ligeiramente aliviados, talvez por saberem que eu iria embora.

Pela televisão, fui chamado à central do Nosocômio. O subdiretor despediu-se de mim muito contente com a minha saída. Agradeceu a minha educação. De recordação, deu-me a série completa de *Perdidos no Espaço*. Voltei para minha casa.

11) Em casa e na rua

Fiquei em casa vendo TV mas enjoa. Resolvi sair para a rua, ver o movimento. Hoje as ruas estão escuras e cheias de gente. Há sempre novos crimes, e sempre novas vítimas. Sempre haverá um povo para matar e outro para morrer. Todos giram atrás de uma moeda, a cara inchada ou a coroa interrompida. E é este metal que retumba que move a vontade e a volúpia. Não tenho mais escrúpulos. Sou um andarilho da noite. Vejo as hordas desemfreadas e seus desejos extremados. Também procuro o prazer. Nós, que nos desencaixamos do existir em alguma parte do passado e agora vagamos, vampiros trêmulos de um universo esboroando. Vejo os que matam com alegria, os comedores de cadáveres, e os que copulam com a morte e trepam com as trevas. Não tenho mais pele. Tudo já vi, e encaro o terror como se sorvete fosse. Naquele canto três rapazes estupram um quarto, enquanto o outro espera para chupar seu sangue. Naquele outro, drogado, um jovem tira lâminas de carne de sua amada e a come aos bocados. Ando, desperto e insone. Sou um habitante do meu século. Naquele bar, três maricons pegaram um menino e querem comer-lhe os olhos, vivo. Não posso permitir. Isto é demais. O menino deve ter no máximo dez anos. Parece com alguém que conheci. Meu filho. Ele se parece com o meu filho, e com a filha que tive... Ah, mundo cruel, não quero mais existir, pare, porra, fique onde está, agora eu sei, e vou agir... pelo halo de nosso senhor Jesus Cristo e pelo coração de virgem Maria imaculada, eu quero um buraco grande branco e quente no lugar que se chamava coração... é peça que não resiste... é dor que extrapola o mundo... o silêncio venha preencher todo este espaço e que o tempo futuro seja agora logo presente apagando o que nunca deveria ter existido.

12) Novamente com o Juiz

Tudo consumado. Segundo o Dr. Rubens, o Nosocômio não mais existe. Pela minha vontade, e para vingar meus filhos, desapareci com 3.000 detentos, Aleluia, e com 100 carcereiros, que pena. Assim, neste tempo duro eu sou o ferido que feriu o ferro. O Estado agora é estadinho e depende de mim. Estão de mãos atadas e dependem de mim. Estão de mãos atadas e dependem de outros. Todos nós dependemos de outros. Às vezes tenho remorsos. Na maior parte dos tempos, não. Valha-me Sagrado Coração sobrou uma fotinho dos meus filhos na minha carteira, se alguém quiser posso mostrar...

Vem aí... o maior acontecimento fanzinístico do ano!

Megalon Edição Comemorativa de Dez Anos de Publicação Ininterrupta!!

→ Capa e contra-capas coloridas e ilustradas especialmente para esta edição;

→ Personalidades marcantes da ficção científica brasileira e da história do fanzine escreve sobre o que é um fanzine chegar a dez anos de existência;

→ **Exclusivo:** O mais completo levantamento sobre os melhores de todos os tempos na ficção científica, incluindo pela primeira vez uma lista dos melhores da FCB. Também a lista da revista *Lo-cus* sobre as preferências do leitor americano;

→ Dez Anos sem Heinlein & Simak: ensaios sobre dois dos mais influentes autores da ficção científica, além de um conto inédito no Brasil de Clifford D. Simak continuando seu clássico romance fix-up *Cidade*.

→ Noveletas de Gerson Lodi-Ribeiro, "Missão Secundária" e de um autor americano especializado em histórias alternativas, enfocando uma vitória italiana sobre as forças do III Reich...

→ Galeria com reprodução das capas do número do quinto (edição 29) ao décimo ano (edição 50).

→ **Exclusivo:** Encarte com índice dos dez anos: uma segunda edição à parte com *tudo* o que foi publicado ao longo de 10 anos.

É impossível perder esta edição!

Reserve já o seu exemplar!!

Se não você terá de esperar mais uma década por outra igual...

Megalon 10 Anos

Preço especial para esta edição: R\$ 6,00.

Assinantes recebem normalmente o exemplar.

A História em "A Ética da Traição"

□ Carla Cristina Pereira

Pensei bastante antes de sentar para escrever este artigo. A noveleta de história alternativa "A Ética da Traição" de Gerson Lodi-Ribeiro é quase uma unanimidade positiva dentro e fora do fandom brasileiro: elogiado pela crítica tanto pelo seu pioneirismo quanto por sua temática "brasileira", e eleito pelos sócios do CLFC como o melhor trabalho publicado por autor nacional na *Isaac Asimov Magazine de Ficção Científica*. Entretanto, sem o menor intuito de criar polêmica ou contrariar a maioria por mero "espírito-de-porco" iconoclasta, julgo os elogios a AEDT um tanto exagerados, pelos motivos que pretendo delinear a seguir.

Longe de mim pretender retirar de AEDT o status de pioneiro e fundador do subgênero da história alternativa brasileira¹, mas, ao contrário da maioria, não julgo esse trabalho como aquilo que o autor fez de melhor nas temáticas históricas. Neste sentido, e em muitos outros, considero "Alienígenas Mitológicos" a melhor ficção histórica de GLR e o trabalho onde o autor melhor conseguiu fundir a temática histórica com a da FC hard. Se bem vertido para o inglês

[1] Um privilégio que enquanto crítico GLR atribui ao grande fantasista José J. Veiga em sua novela *A Casca da Serpente*. Considerar o trabalho de Veiga como história alternativa é uma postura discutível, uma vez que a novela não obedece aos cânones do subgênero e, de um ponto de vista mais pragmático, ao que tudo indica não foi escrito com o pensamento na criação de uma linha temporal alternativa mas sim de uma alegoria social light. De qualquer modo, coube a GLR o pioneirismo de introduzir as histórias alternativas no cenário da FCB.

"Alienígenas Mitológicos" é bem o tipo da estória capaz de agradar o editor de um grande magazine de FC americano. Contudo, eu já não me arriscaria a afirmar o mesmo em relação AEDT.

Não chego ao ponto de dizer que AEDT é uma história alternativa falha em termos históricos (ou, melhor dizendo, no que diz respeito à "plausibilidade histórica"), mas é um trabalho incompleto, no sentido de que deixa de esclarecer algumas questões importantes que, a meu ver, danificam o objetivo da estória em criar um presente alternativo verossímil.

Em primeiro lugar é no mínimo discutível a hipótese de uma vitória paraguaia na Batalha de Riachuelo, haja vista a disparidade de forças entre a Marinha Fluvial Paraguuaia e a Armada Imperial, bem como de experiência militar e naval entre os marinheiros e comandantes imperiais de um lado e os paraguaios do outro. Basta dizer que o comandante paraguaio naquela batalha não possuía a mínima experiência anterior de combate, em clara inferioridade, portanto, em relação aos veteranos comandantes brasileiros.

Já tive oportunidade de conversar com GLR a respeito da improbabilidade de uma vitória paraguaia em Riachuelo. Ele alegou que vitórias mais improváveis do que essa já ocorreram na história real e que dado o conjunto de circunstâncias imponderáveis envolvidas é impossível saber a priori o resultado de uma determinada batalha. Como bom conhecedor de crônicas

militares em geral, GLR me citou vários exemplos históricos de vitórias inesperadas. E, como alguém que estudou a

fundo a Batalha de Riachuelo em particular, ele afirmou que a vitória das forças de López não era encarado como improbabilidade absoluta pelos cronistas contemporâneos, muito ao contrário. Esmagada diante da lógica de tais argumentos, vi-me forçada a replicar o óbvio: nenhuma dessas explicações a posteriori é apresentada na noveleta; daí mantenho a tese de que, historicamente falando, AEDT não explica ao que veio, deixando a desejar, portanto, em termos de história alternativa.

Além disso, mesmo se aceitando a hipótese de uma vitória paraguaia em Riachuelo, GLR não explica devidamente como isto resultou na derrota frágil da Tríplice Aliança ante as forças de Solano López. É fato que por ocasião do início do conflito, o Paraguai possuía cerca de 55.000 homens em armas, contra menos de 20.000 do Império do Brasil. Mas, dada a desproporção entre as capacidades de convocar novos efetivos no seio da população civil, as vitórias paraguaias subseqüentes teriam que ser avassaladoras para justificar, poucos anos mais tarde, um Brasil ocupado até a altura das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Mais uma vez argumento: pode ser até que tal se mostrasse possível, mas nenhuma explicação *plausível* foi apresentada pelo autor em AEDT.

Outro aspecto que me causa estranheza é a organização política do Paraguai do pós-guerra. O autor indica que o Paraguai do presente possui um regime socialista ou, pelo menos, um capitalismo com fortes traços estatizantes. No entanto, num dado ponto da primeira parte da noveleta, o protagonis-

ta afirma que a nação vitoriosa possuiria um capitalismo emergente. Pode esclarecer esta dúvida com GLR: no texto original de AEDT o autor grafou "socialismo" e, não se sabe bem porque, na versão publicada na *Isaac Asimov* apareceu "capitalismo". Argumento aceito, mesmo assim não é explicado na noveleta como se deu essa transição para o socialismo. É fato que o Paraguai *antebellum* já possuía umas poucas tendências socialistas, mas não creio tais tendências sirvam per se como justificativa para a formação de um Estado socialista moderno que o autor quer nos fazer induzir.

Mais grave, contudo, é a falta de uma justificativa aceitável para o sistema político democrático da nação vitoriosa. Como explicar a mágica transposição de uma ditadura terrível como a de Solano López para um regime democrático? Posso imaginar várias formas, mas nenhuma delas foi apresentada pelo autor. Já foi dito por um autor argentino (após a queda da ditadura de seu país como consequência direta da Guerra das Falklands) que de uma ditadura o povo tolera tudo, exceto a derrota numa guerra externa... Mas este não foi o caso desse López alternativo, muito pelo contrário. Depois de uma vitória esmagadora sobre exércitos brasileiros, argentinos e orientais, reduzindo a Tríplice Aliança à impotência e em vários casos incorporando os territórios de seus signatários à *Grande República*, em suma, conquistado aquilo que todos, dentro e fora do Paraguai, julgavam impossível, o prestígio de López atingiria o zênite. Ele não seria simplesmente o *Napoleão das Américas*, como o Solano López real sonhou se tornar. Ao contrário: Bonaparte é que seria hoje considerado o López Francês... Diante deste quadro é extremamente difícil imaginar que sustentação política

poderia obter um golpe contra López, uma figura tão carismática que mesmo nas derrotas conseguia manter o apoio entusiástico de seus comandados. Mais uma vez, o autor não apresenta explicação que nos permita intuir algo quanto à *plausibilidade* do cenário alternativo imaginado para a estória.

Embora a falta de explicações históricas convincentes não chegue a prejudicar o andamento da trama de AEDT, confesso que eu esperava mais do primeiro trabalho brasileiro de história alternativa. Dois dos trechos mais interessantes são justamente os vislumbres pequenos e divertidos sobre os mundos próprios do futebol alternativo e do mercado editorial de FC alternativa². O drama pessoal do protagonista é bem construído, os personagens de uma maneira geral são verossímeis e tanto as questões de conteúdo ético-moral e como as de cunho mais amplo (racismo, militarismo, nacionalismo, etc.) são exploradas dentro dos limites impostos pelo formato de noveleta. Entretanto, não obstante esse rol de qualidades, como ficção de temática histórica AEDT não convence, pois no fundo não explica ao que veio. Um outro trabalho de história alternativa do mesmo autor que considero mais maduro e interessante é o romance inédito *Os Canhões de Palmares*, ciclo que o leitor que acompanha os fanzines mais ou menos já conhece pela publicação de duas de suas es-

[2] Nessa linha histórica alternativa a FC se chama "Ciência Fictícia", um aportuguesamento flagrante do termo castelhano *Ciencia Ficción*. Escritores e editores paraguaios dominam o mercado a ponto de se exigir que os autores estrangeiros adotem pseudônimos castelhanos para tentar o sucesso nesse mercado. Um dos agentes secretos germânicos publica CF sob um pseudônimo castelhano. Muito oportuno como paródia da realidade do mercado de FC&F na nossa Terra!

tórias. Em se tratando de ficção curta, no entanto, minhas predileções, tanto em termos de história correta quanto de uma de uma boa estória, ainda ficam com aquela que considero um clássico desconhecido da FC hard brasileira: "Alienígenas Mitológicos".

Já apresentei a GLR as dúvidas acima esboçadas (além de outras que foram sanadas) e lhe falei sobre a vontade de escrever um ensaio sobre AEDT. Desejo agradecer de público o diálogo franco e as correções que ele apontou para algumas falhas em meus argumentos, sobretudo no que se referia aos aspectos militares e navais da Batalha de Riachuelo.

Seria ótimo se o autor pudesse escrever uma outra estória, talvez um passado alternativo, onde as questões deixadas em aberto em seu trabalho pioneiro pudessem ser melhor esclarecidas. GLR me afirmou uma vez que AEDT é uma estória fechada e que, ao contrário do ciclo de Palmares, não admite continuações válidas... Bem, espero que um dia ele mude de idéia e brinde seu público leitor com novas estórias nessa linha histórica alternativa. Crônicas da *Grande Guerra*, onde os cargueiros paraguaios conduziam gêneros de primeira necessidade a seus aliados germânicos; ou a vida cotidiana no Rio de Janeiro ocupado pelas forças de López; ou ainda a colonização de Marte por equipes germano-paraguaias... Esse é um universo muito rico, que merece ser melhor explorado. É só escolher por onde começar.

Carla Cristina Pereira é historiadora e professora universitária no Rio de Janeiro. Publicou recentemente o conto "Se Cortez Houvesse Vencido a Peleja de Cozumel", na antologia *Outras Copas, Outros Mundos* (Editora Ano-Luz, 1998), sua estréia profissional como autora.

Futebol F.C.

□ Finisia Fideli

Outras Copas, Outros Mundos, Marcello Simão Branco, ed. São Caetano do Sul: Editora Ano Luz/Grupo Pecas, 1998, 168 páginas. R\$ 18,00. Prefácio de Telê Santana. Capa de Mário Mastrotti e Antônio Carlos Pires. Ilustrações internas de Mastrotti e Octávio Aragão.

Lançada às vésperas do final da Copa do Mundo de Futebol, realizada em julho de 98 na França, esta antologia reúne onze contos tendo como tema central o esporte mais amado pelos brasileiros. Neles, encontramos um futebol que não se joga, mas se inventa: temas surrealistas se misturam com histórias de horror, craques cibernéticos, misticismo, mundos alternativos e planetas distantes.

No momento que escrevo estas linhas, o resultado da Copa da França já é conhecido. Nela também não se jogou o futebol do Brasil, nada foi mais surrealista do que a partida final contra os donos da casa, e muitas histórias foram inventadas a partir da nossa derrota, a maioria de horror.

Mais bizarra contudo, foi a profecia do celebrado escritor Braulio Tavares, autor de "Carta à Redação", presente neste volume. Ele não só afirmou que seríamos vice campeões num jogo contra a França (qualificando-se a usurpar o trono de Paulo Coelho como o mago nacional), como seguiu em frente tirando nosso país da Copa de 2002, numa derrota para o Paraguai. Se ele acertar de novo estamos fritos, alguém duvida?

Vários contos falam de jogadores artificiais: clones, andróides, robôs. Aparentemente, seus autores já não acreditam no aperfeiçoamento

do jogador, na evolução do atleta por técnicas desenvolvidas por uma ciência desportiva voltada ao ser humano, sem que seja preciso transformá-lo num cyborg de muitos milhões de dólares. O chato é que um grande número de contos repetem esse ponto de vista, com nítida perda para a originalidade que um livro desses precisa.

Seguem essa linha: "2010, o Ano em Que Faremos Contrato", de Fábio Fernandes, "Santos F.C.", de Ivan Carlos Regina, "Derby", de Marcello Simão Branco, "O Que Vale é Bola Na Rede", de Cesar T. Silva. Neles, os atletas ou são robôs ou clones de jogadores famosos do passado remoto, ou transformados através de métodos nanobiológicos.

Pior ainda quando o futebol brasileiro é usado para melhorar alienígenas, trazendo força e alegria para uma espécie que tem o tédio como a única expressão de sua cultura, tema usado por Adriana Simon em parceria com Gerson Lodi-Ribeiro no conto campeão de tolices do livro, "O Rude Esporte Humano". Assim, temos os extraterrestres longevos e sábios que nos observam de longe. Eles sabem que somos grosseiros e imperfeitos, mas esbanjamos vitalidade e alegria, como bem demonstra nosso esporte preferido. Daí o ET se infiltra entre nós e aprende todos os segredos do nobre desporto.

Ele volta ao seu mundo e o introduz em sua cultura mas oh, que triste, a violência permeia os campeonatos. Mas os sábios alienígenas acreditam que saberão superar a agressividade a fim de não tirar a alegria do povo, acabando com o jogo. Além de repetir no mínimo quatro ou cinco clichês de outras histórias já escritas, o conto padece de uma fraca estrutura narrativa, tem um desenrolar previsível e um final piegas. No mínimo, não poderia estar presente numa antologia que se pretende profissional.

Mas nem tudo já foi dito nestas histórias. Algumas são realmente originais, como as que falam de um apaixonado torcedor que não hesita em viajar no tempo para impedir o desfecho do jogo Brasil X Itália em Barcelona em 1982 de uma maneira definitiva, ou seja, fuzilando o craque italiano em "Eu Matei Paolo Rossi", de Octávio Aragão. O conto tem um ritmo cinematográfico e humor cáustico. São tantas idas e vindas que as vezes o próprio autor se atrapalha um pouco, mas o resultado compensa uma boa olhada.

História alternativa é a especialidade de Gerson Lodi-Ribeiro. Desta vez ele comparece com um conto que se passa num universo onde o país não é o que conhecemos, a seleções do Brasil e Palmares disputam a posse

definitiva da taça Jules Rimet na final da Copa de 1986, e o técnico palmarino é um brasileiro. O final tem um gosto meio amargo, como de resto "Pátrias de Chuteiras" não tem uma visão muito condescendente em relação aos dirigentes em geral, seja do futebol ou dos países envolvidos.

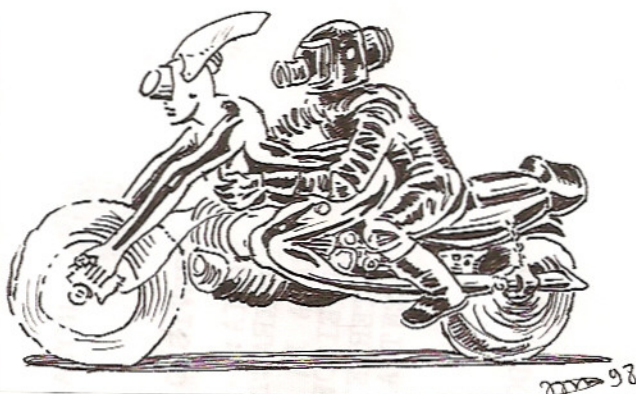
Na mesma linha está o conto da historiadora Carla Cristina Pereira, mostrando com graça, que uma aula de História pode ser uma delícia, desde que realizada com competência. No conto "Se Cortez Houvesse Vencido a Peleja de Cozumel", ela especula sobre um esporte bárbaro que pode ter sido a origem do futebol moderno, nos idos de 1518, na recém descoberta península de Iucatã. Imagina os castelhanos disputando uma peleja em que se jogava uma bola de borracha maciça através de um orifício de 80 centímetros sem usar os pés. A equipe derrotada, souberam depois os espanhóis, seria imediatamente decapitada, numa oferenda aos deuses. Cortez perdeu o jogo, e como resultado houve um combate que ceifou mais de 1700 vidas. Os espanhóis não sobreviveram para continuar a terceira expedição da coroa castelhana, a América prosperou sem a influência européia. E o mundo, tal como conhecemos, nunca existiu. Embora não tenha a estrutura clássica de um conto, narrado como uma reportagem de uma enviada especial de um jornal da Confederação Pindorama à final do campeonato Mundial de Balípedo, a originalidade e a fluidez como a autora descreve os eventos ocorridos no passado e seus impressionantes resultados atuais, faz deste, um dos melhores momentos do livro.

Outro bom momento é o do autor Carlos Orsi Martinho. Seu conto de terror "Sob o Signo de Xoth" repete seus temas favoritos, ou seja, adaptar situações da cultura brasileira ao estilo de H.P. Lovecraft. Pode parecer impossível mesclar o estranho autor americano com uma contenda desenrolada numa cidadezinha interiorana, em cujo estádio de futebol será canalizada a energia das estrelas de Xoth, provocando o despertar do monstro Kutult, porém Martinho é craque neste jogo. O herói é o indefectível jornalista bem intencionado em quem ninguém acredita, e a ação se desenrola num crescendo de suspense até que o final revela que existem mais vilões de carne e osso atuando nos pequenos clubes de futebol do que ousa nossa imaginação. Não é exatamente uma novidade, mas funciona.

E por último, mas não menos importante, temos a participação de Ataíde Tartari. O conto "Craque na Família" tem os elementos que povoam os sonhos de todo jovem aspirante a ídolo, inclusive uma ajudazinha do além sob a forma de um amuleto capaz de transformar qualquer perna de pau num Ronaldinho. Com uma ambientação primorosa e uma linguagem rica, personagens bem construídos (a figura do pai histérico é impagável), diálogos realistas e o ritmo emocionante de uma partida de futebol, caminha sem oponentes até o fim, marcando um gol de placa.

No todo, a realização deste volume tem o mérito de reunir alguns dos mais representativos autores de ficção científica brasileira, em torno de um tema sobre o qual todo mundo gosta de opinar. Mas, infelizmente, o resultado sugere que esta seleção foi reunida meio às pressas, o que resultou num placar desequilibrado. Impossível não citar a capa de gosto duvidoso, mais adequada a um livro infanto-juvenil e as ilustrações internas realmente de qualidade inferior.

Profissionalismo é uma meta difícil de atingir, mas com o tempo e a experiência, se chega lá. Está de parabéns a equipe da Pecas e Ano Luz Editorial pela iniciativa corajosa, mesmo que desta vez todos nós tenhamos é que nos contentar com o vice campeonato.



FUTEBOL FANTÁSTICO

Outras Copas, Outros Mundos, Marcello Simão Branco, ed. São Caetano do Sul: Editora Ano Luz/Grupo Pecas, 1998, 168 páginas. R\$ 18,00. Prefácio de Telê Santana. Capa de Mário Mastrotti e Antônio Carlos Pires. Ilustrações internas de Mastrotti e Octávio Aragão.

A combinação ficção científica (e fantasia) com esporte não deve causar estranhamento. Afinal, a era das *pulp magazines*, quando a FC ganhou *status* de gênero, contava também com *pulp magazines* de “histórias esportivas” — os dois gêneros (se é que podemos chamar assim as histórias esportivas) nasceram na mesma época, e contam até com alguns precursores em comum — Arthur Conan Doyle, por exemplo, além das de ser precursor da ficção de detetives, com as aventuras de Sherlock Holmes, e da FC, com trabalhos como o clássico *O Mundo Perdido* (1912), como escreveu todo um volume de contos sobre pugilismo.

Em tempos modernos, a combinação continua frutificando. “Mirror of Ice”, de Gary Wright, um conto que cria para o futuro uma corrida de trenós a jato, com alta mortalidade, foi um dos finalistas do Prêmio Nebula 1967. “Lost in Cleveland” (1989) de Vance Aandahal, é um conto sobre basquete virtual, em que um “time do século” é reunido para o entretenimento de um homem. Na *Asimov's Science Fiction* de agosto de 1993 estão reunidos dois trabalhos, “The Franchise”, de John Kessel, e “Southpaw”, de Bruce McCallister, produzidos separadamente mas lidando com o mesmo assunto — o que aconteceria se Fidel Castro tivesse aceito o convite que recebeu, antes da revolução cubana, para jogar *baseball* nos Estados Unidos (ele realmente foi convidado pelo

New York Yankees)? “The Holy Stomper Vs. the Alien Barrel of Death” (1997), de R. Neube, é, claro, uma história sobre luta livre espacial. Um romance sobre *baseball* assinado por Michael Bishop, *Brittle Innings* (1994), está na lista de clássicos de John Clute, em *The Illustrated Encyclopedia of Science Fiction*. Se você não tem acesso a nada disso, é fácil lembrar de como o esporte causou bem no conhecido filme de FC, *Rollerball* (1975).

No Brasil, o emprego do esporte como tema de obras de FC e fantasia já é mais escasso. Não me vem à mente nenhum trabalho dessa natureza, pelos autores da Geração GRD — embora alguma coisa deva existir. Em *Feliz Ano Velho*, Rubem Fonseca tem um conto satírico, “O Campeonato”, que pode tanto ser chamado de FC quanto de ficção esportiva — embora o esporte em questão seja de natureza sexual (atividade física, de qualquer modo...).

Em 1993, o meu *ônoma* Roberto de Sousa Causo, publicou na revista *Playboy* o conto “A Moça que Veio depois do Último Round”, uma fantasia contemporânea sobre boxe, antes vista neste fanzine como “O Bêbado-de-Pancada”. Causo sonha em editar uma antologia de contos pugilísticos, e vem compilando material, ao longo dos anos. Ele pensa em incluir, por exemplo, o maravilhoso “The Beast of the Heartland” (1993), de Lucius Shepard, a noveleta que Decio One acusou Causo de plagiar. Na *Analog* de dezembro de 1987 ele encontrou “Interesting Times”, de Christopher Anvil, sobre um boxeador equipado com um chip especial, que lhe dá reflexos extraordinários. Já em *The Year's Best Fantasy and Horror: Fifth Annual Collection* (1992), Causo descobriu o conto “The Cut Man”, de Norman Partridge, sobre o pai de um lutador latino, que, para “ajudá-lo” em sua

carreira faz um acordo com forças sobrenaturais.

Bem, agora, por iniciativa do nosso editor Marcello Simão Branco, a editora Ano-Luz e o Grupo Pecas, iniciativa cooperativista surgida do seio do próprio fandom, lançam *Outras Copas, Outros Mundos*, uma das poucas antologias temáticas da FC brasileira. O tema, claro, é o futebol.

A primeira coisa que chama a atenção no livro é sua estrutura — são onze contos, prefaciados por um dos grandes técnicos brasileiros, Telê Santana. Cada história deve, portanto, equivar a um jogador ou posição, numa suposta seleção de futebol (tanto que, no final, um singelo desenho simula uma foto da seleção, com alguns portanto antenas, capacetes de aquário e orelhas pontudas, seguido da apresentação dos autores).

O primeiro trabalho é o conto “2010, O Ano em que Faremos Contrato”, de Fábio Fernandes. Ele lembra o conto de R. Neube acima mencionado: alienígenas fissurados na TV humana chegam à Terra para um primeiro contato (daí o trocadilho do título) e, em troca de transferência de tecnologia, pedem que a Terra forme a sua seleção de futebol (os alienígenas, no conto de Neube, são fãs do *catch-as-catch*), para enfrentar o selecionado E. T. É também óbvio que os alienígenas são especialmente apaixonados pelo futebol brasileiro. Fernandes enfrentou essa estratégia de jogo que privilegia a referência a clichês do gênero, com bom humor e uma colagem de citações sobre a história do futebol, que deve agradar ao torcedor bem informado. O conto também introduz o que parece ser o tema central da antologia — a mecanização do futebol, simbolizada pelos “teleclones” enviados pelos E.T.s para nos dar uma goleada.

“Craque na Família”, de Ataíde Tartari, pode ser considerado tanto

FC quanto fantasia —uma “história de objeto de poder”, de qualquer maneira. Um objeto (um medalhão) que dá ao seu portador a capacidade de realizar desejos (tema clássico da fantasia); ser um craque, no caso. A história se destaca do resto da antologia pela ambientação —uma escolinha de futebol —, e pela segurança da prosa de Tartari, que produziu aqui um conto sarcástico, onde a fala cotidiana aparece com vividez. O desenvolvimento não dá muitas chances de um final diferente do tipo de conclusão surpreendente que o autor explorou, mas com competência.

De Ivan Carlos Regina, “Santos F.C.” apresenta um *show* itinerante, indo de planeta em planeta, oferecendo a possibilidade de times locais enfrentarem uma versão andróide do famoso Santos de Pelé e Zito. A única peripécia desse conto epistolar é um tropeço gravitacional que os andróides sofrem. Faltou um pouco mais da graça característica de Regina, para fazer essa história pálida funcionar. (O conto tem o mérito, porém, de ter fornecido a Branco a idéia da antologia, quando da sua publicação anterior no fanzine *Somnium*.)

“**E**u Matei Paolo Rossi”, do estreado Octávio Aragão, tem sido apontado pelos leitores como o ponto alto do livro. Eu senti dificuldade em interessar por essa aventura de viagem no tempo, escrita de um modo histórico que lembra à qualidade estética das últimas produções hollywoodianas que nos têm chegado —filmes como *Men in Black* e *O Quinto Elemento*. A história apresenta uma série de indas e vindas que culminam na situação sugerida pelo título —o retorno ao passado para matar o goleador italiano que tirou o Brasil da copa em 1982. Há um clima paranóico que se apresenta bem dentro da estética do pós-modernismo, e a história parece culminar na dissolução final da identidade do protagonista-narrador. É também um trabalho de “polícia temporal”, que lembra o agitado “O Anel”, de Alexander Jaboklov, publicado no número 1 da nossa *Isaac Asimov Magazine*, em 1990. Há alguns problemas de coerência. Na página 45 o autor explica como o

protagonista conseguiu roubar o cartão programador das viagens temporais, e na página seguinte ele nos informa que o sujeito embarca para Madri, após encontrar-se consigo mesmo, em 1982 —mas não explica como é que ele conseguiu o passaporte para viajar. E, até ali, o personagem é apresentado apenas como um estudante.

Na Internet comenta-se que Aragão tem um *mailing list* em que des envolve o universo da sua polícia temporal, a Interpol©. Então, deveremos ter mais histórias ambientadas no mesmo universo.

Ainda sobre tempo, história, etc., deve-se destacar a presença de dois contos de história alternativa no livro: “Se Cortez Houvesse Vencido a Peleja de Cozumel”, da historiadora carioca Carla Cristina Pereira (outra das quatro estreias do livro), e “Pátrias de Chuteiras”, de Gerson Lodi-Ribeiro —mais uma narrativa ambientada no universo alternativo de Palmares.

A história de Carla Pereira é disfarçada como um artigo. Há muito pouco drama, suspense ou surpresas aqui, portanto. O conto acaba se limitando à novidade da sua idéia central —que o famoso Hernán Cortez, o conquistador espanhol, teria perecido após sua derrota numa espécie de futebol praticado na América pré-colombiana. Como o carniceiro dos astecas não pôde voltar à Espanha com notícias de ouro e de gente fácil de matar, as culturas nativas do nosso continente se desenvolveram de modo autônomo, em relação às européias —e, de quebra, geram um outro tipo de futebol que aquele que conhecemos, vindo da Inglaterra e às vezes chamado de “o rude esporte bretão”.

É justamente com um trocadilho em cima da expressão, que temos “O Rude Esporte Humano”, da estreada Adriana Simon e de Lodi-Ribeiro. É com certeza o pior trabalho da antologia, por seu uso abusivo de clichês do gênero, por seu *timing* desigual e pela inadequação do tempo narrativo presente, em um conto com muitos movimentos do presente para o passado e vice-versa. A história reforça outra tendência central da antologia —o futebol como uma expressão de vitalidade humana, que se torna objeto de emulação por uma sociedade

alienígena entediada; um tema batido, que nós já vimos até mesmo em gibis da Turma da Mônica e em filmes como *A Cidade dos Anjos*, lançado este ano. Este conto deveria ter ficado nas páginas do *Megalon*, Marcello.

Oferecendo uma visão opositiva, “O Que Vale É Bola na Rede”, de Cesar R. T. Silva, é um conto bem escrito, que talvez merecesse um desenvolvimento um pouco maior. Um torcedor se encontra com um mendigo na rua, e descobre que é um ex-técnico de seleção. O sujeito lhe conta como o Brasil perdeu um grande campeonato, com a falha de um *doping* nanotecnológico, promovido por um fabuloso cientista brasileiro, que abdicou do Prêmio Nobel, para fazer a gambiarra no time. A ironia funciona muito bem no conto, e há alguns pontos interessantes que se pode levantar, sobre como a FC presente na antologia vê o futebol como dado cultural brasileiro. Antes da visão utópica de “O Rude Esporte Humano”, aqui há um certo cinismo que o brasileiro projeta no futebol jogado pela seleção brasileira —o que importa é a vitória, a qualquer custo. (É a idéia de um supercientista brasileiro que desistiria sem hesitação do reconhecimento mundial, pelo trabalho com o esporte, também fala de modo irônico, das proporções dessa paixão nacional). Isso é realçado de modo muito elegante pelo modo com que a confissão do técnico é abafada pelo jogo que se desenrola no presente.

Um trabalho bem desenvolvido é “Sob o Signo de Xoth”, outro pastiche lovecraftiano (o seu décimo-quinto ou décimo-sexto, pelas minhas contas) de Carlos Orsi Martinho. Aqui é necessário um grande banho de sangue durante um jogo realizado na cidade fictícia de Açarái (onde Martinho centra suas investidas no modelo de H. P. Lovecraft), para invocar a tradicional criatura monstruosa e demoníaca e os move como peões, para um grande banho de sangue durante um jogo, como num ritual de invocação. As cenas finais, no estádio, possuem uma tensão bastante forte, lembrando o filme de suspense *Pânico na Multidão*, sobre um franco-atirador atuando num *Superbowl*. Mais uma vez, além dos

óbvios elementos lovecraftianos, temos também um protagonista cínico que termina esmagado pelos acontecimentos (aqui, excepcionalmente, há o vislumbre de uma transformação íntima do personagem principal, em seu conturbado relacionamento com o pai corrupto). Para o leitor que não conhece Martinho, a sua adaptação deve parecer bastante original e interessante em suas adaptações (a atualização da mentalidade paranóica de Lovecraft e seus eternos alfarrábios reveladores, agora sob a forma de *home pages* na Internet, é especialmente bem-pensada), mas cá entre nós, leitores do *Megalon* e de outros fanzines brasileiros, nós precisamos realmente de mais uma história desse tipo? Não estariam os consideráveis talentos do autor melhor empregados em explorações mais pessoais e ousadas?

Falando agora da antologia no seu aspecto editorial, algumas observações: O editor precisa atentar para questões que em geral passam despercebidas, enquanto ele se concentra no valor das histórias. É preciso padronizar usos de convenções editoriais. Aqui, no aspecto dos diálogos e sua interrupção pelo sumário (as intervenções do narrador), cada autor fez sua própria regra. Num conto está de um modo, noutro de outra maneira. Em momentos não se sabe bem onde é diálogo, onde é sumário. Isso atrapalha a fluência de leitura e transmite sensação de amorismo. Um problema foi a colocação, um após o outro, de dois contos escritos respectivamente sob forma de carta ("Carta à Redação", de Bráulio Tavares) e de artigo (o trabalho de Carla Pereira), um após o outro.

Antologia é irregular, e, em minha opinião, não há nela nenhuma história de grande impacto. Há três ou quatro contos bem realizados e satisfatórios, e os inevitáveis "fillers", que não contribuem muito. Eu diria que a qualidade técnica e a segurança da escrita a colocam acima da maioria das antologias do gênero publicadas pela Geração GRD, por exemplo.

Um número grande de trabalhos possui temas semelhantes demais. A mecanização do futebol parece ser o medo maior, dos escritores. Jogado-

res que são andróides, robôs ou entidades virtuais aparecem em quatro das onze histórias, incluindo "Derby", do editor da antologia. Essa incidência aponta para alguma pressão do tema da antologia, sobre a criatividade dos autores. Parece que, como torcedores, a maioria está afinada com o discurso corrente no país, de que o futebol brasileiro está perdendo seus aspectos artísticos, em favor da competitividade em termos absolutos. A previsão que eles fazem do futuro, é de que nosso futebol perderá seus encantos, se tornando objeto de um sentimento nostálgico muito característico do torcedor, mas que tenderia a se acentuar.

Mas se o futebol é uma apresentação cultural brasileira, como a antologia o tratou?

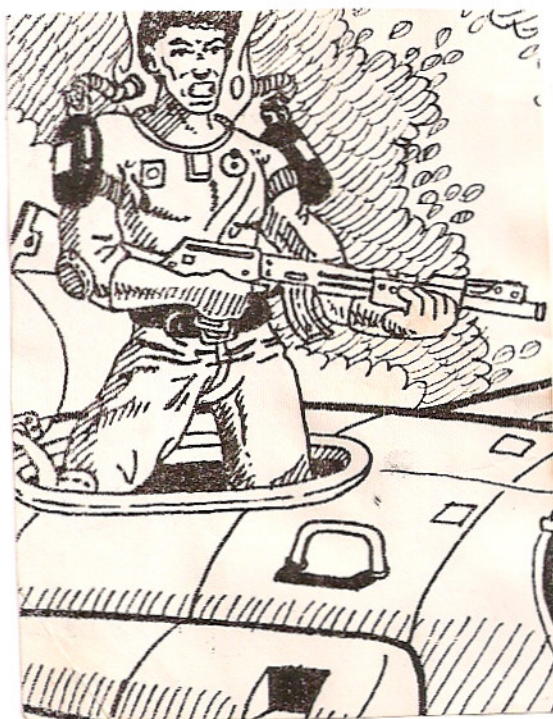
Assim como em vários discursos nacionais, há a presença latente de uma compreensão ou de uma esperança do homem brasileiro como sendo um ser especial. Frequentemente, esses discursos exibem também uma consciência da posição do Brasil no cenário mundial, como um país de Terceiro Mundo, que se julga pelo contraste com o Primeiro. A mistura de raças, por exemplo, sugere uma coexistência social mais pacífica (e utópica) que a segregação racial permite, nos Estados Unidos. Dizem que os nossos brasileiros franzinos, movidos a arroz-e-feijão, venceram os temíveis soldados profissionais alemães, durante a Segunda Guerra Mundial. E dizem também que a grande força do futebol brasileiro está na capacidade intuitiva dos nossos craques, diante do futebol já robotizado dos europeus. Esse homem brasileiro, representado pelo craque, é especial também pela sua fôrma mental, que traduziria atitudes sociais brasileiras — o imprevisto, a alegria, a irreverência.

Parece que é isso que os alienígenas (uma palavra que serve também para pessoas de outras nacionalidades que a brasileira) encontram ao visitarem a Terra e se apropriarem, de uma maneira ou de outra, do futebol que só os brasileiros sabem fazer. Há talvez um comentário triste aí, que também se casa com a realidade histórica e social do Brasil — assim como deixamos acontecer com o café, o cacau e a borracha brasileiras,

produtos que dominaram o mercado em sua época, estamos permitindo que as melhores características desse dado cultural brasileiro seja exportado sem critério, enquanto aqui, ele se deteriora cada vez mais.

Se não há nenhum trabalho de maior relevo em *Outras Copas, Outros Mundos*, a antologia não deixa de demonstrar a viabilidade do tema, dentro de uma FC nacional que pretenda investigar a nossa realidade e contexto.

"FC BR" também pode ser encontrada no *Megalon Online*:
<http://www.netium.com.br/fnol/megalon.htm> ou na home-page de Roberto Causo:
www.netium.com.br/fnol/causo.htm.



Cinema Alternativo

Há algum tempo meu amigo Marcello, editor deste fanzine, vem insistindo em que eu escreva um ensaio para a coluna sobre os filmes de cinema e televisão com enredos de história alternativa ou, se tal não fosse possível, um ensaio sobre filmes que possuíssem pelo menos elementos desse subgênero da FC. Adiei a empreitada até agora por julgar não dispor de espécimes suficientes: não parecia haver uma quantidade razoável de filmes, televisivos ou cinematográficos, que eu pudesse em sã consciência classificar como histórias alternativas.

Contudo, após breve pesquisa, e forçando a barra só um pouquinho, creio ter conseguido assunto bastante para abordar os enredos alternativos nas mídias audiovisuais.

Conforme mencionado no ensaio "Futebol Alternativo" (*Megalon* 49), uma película que poderíamos considerar como "FC com elementos de história alternativa" é o curta metragem cujo nome desconheço, onde um torcedor faz uma viagem retrotemporal, aterrissando no Maracanã em plena final da Copa de 1950.¹ Ele pretende alertar Barbosa, o goleiro brasileiro, dos detalhes exatos do chute do atacante uruguaio que marcaria o gol da vitória da Celeste Olímpica. Mas, justo quando o viajante temporal chama Barbosa, o arqueiro se distrai e deixa de prestar atenção ao ataque adversário e... a seleção uruguaia marca o segundo gol! Um belo exemplo de paradoxo temporal positivo: a intervenção no passado se faz necessária para criar o próprio passado conhecido pelo protagonista. Não chega a ser

H.A. na acepção lata do termo, pois não há ponto de divergência a partir do qual a história se altera do padrão conhecido. Mas que tem jeito de H.A., ah lá isto tem.

Outro exemplo dos tempos de antanho é o telefilme documentário inglês *If Britain Had Fallen*, apresentado pela BBC-TV em 1972. O ponto de divergência se dá em 1940, em plena Segunda Guerra Mundial, quando a Alemanha obtém êxito na tentativa de desembarque nas Ilhas Britânicas, um plano ousado que o Alto Comando Nazista de nossa linha temporal também acalentava na época, tendo batizado-o de "Operação Leão-Marinheiro". Após a descrição do cenário dessa operação de desembarque hipotética, o filme apresenta algumas especulações sobre os rumos que a ocupação militar nazista teria tomado, discutindo se os ingleses teriam ou não conseguido repelir os invasores.

Um exemplo mais acessível para nós do que esse obscuro documentário inglês realizado há mais de um quarto de século é o filme *A Última Tentação de Cristo* (1988), dirigido por Martin Scorsese e protagonizado por Willem Dafoe. De fato, a história da vida e da obra de Jesus Cristo não é per si alternativa. Ocorre, no entanto, que lá para o final do filme, quando Jesus já está pregado na cruz, ele sofre justamente a última tentação do título, tendo uma visão onde lhe é mostrado como será/teria sido sua vida, se ele renegar/tivesse renegado sua missão na Terra em troca da sobrevivência e de uma velhice tranqüila. Esses breves minutos de filme mostram o que teria acontecido com Jesus, seus descendentes diretos, amigos, seguidores e com o próprio Cristi-

anismo, caso ele tivesse decidido abandonar sua fé. Admitindo-se a realidade histórica de Jesus (assunto que estou longe de pretender discutir no espaço exíguo desta coluna), devemos considerar *A Última Tentação de Cristo* senão um filme de história alternativa, pelo menos um com elementos de H.A.

A comédia *Rei Por Acaso* (1991), sobre um plebeu norteamericano que se torna rei da Grã-Bretanha, não tem absolutamente nada a ver com H.A., exceto o fato de ter se baseado no romance *Headlong: a Novel* (1980) de Emyllym Williams, este sim, uma história alternativa. No livro, a família real britânica morre num acidente de dirigível em 1935. Um ator de teatro de 25 anos torna-se o rei da Inglaterra, descobrindo aos poucos os limites do poder real na monarquia britânica do período imediatamente anterior à Segunda Guerra Mundial. O filme é dirigido por David S. Ward e protagonizado pelo hilário John Goodman, um dos atores coadjuvantes mais bem pagos de Hollywood.

A *Era da Traição* (1993), dirigido por Kevin Connor, é outro filme que não tem nada a ver com H.A. exceto que conta as aventuras e desventuras de Marcus Didius Falco, um típico detetive particular nos primeiros anos do Império Romano. O filme se inspira no protagonista de uma série de romances de detetive passados na Roma Antiga, todos escritos pela americana Lindsey Davis. É isto mesmo: Falco é um detetive particular nos moldes modernos imerso nos tempos e roupagem da Roma Imperial. Não é história alternativa, concordo. Mas tem todo um clima de H.A. além de ser diversão garantida.

¹ O nome do filme é *Barbosa*, escrito e dirigido por Jorge Furtado. (Nota do editor).

Até agora falamos apenas em filmes que possuem apenas nuances ou elementos de história alternativa, e não num filme cujo enredo fosse realmente calcado no subgênero.

Dirigido por Christopher Menaul e protagonizado por Rutger Hauer, *A Nação do Medo* (1994) é neste sentido *the real stuff*; a película de história alternativa por excelência. O filme é uma produção especial da HBO inspirada no romance *Pátria Amada* [FATHERLAND, 1990] de Robert Harris.

O enredo do filme segue o romance com razoável (mas não absoluta) fidelidade. Trata-se de mais uma história de Segunda Guerra Mundial Alternativa. O ponto de divergência é o êxito do ataque-relâmpago alemão à U.R.S.S. A rápida conquista da Ucrânia e da porção europeia da Rússia faz com que esse Reich Alternativo passe a se estender desde o Atlântico até os Urais. Muito mais fortes que em NLT, os nazistas conseguem repelir os aliados no desembarque maciço do Dia "D". Enquanto a Alemanha vence a Guerra da Europa, os E.U.A. derrotam o Império Japonês na Guerra do Pacífico.

A ação do filme se passa em 1964, quando um coronel do departamento criminal da S.S. investiga uma série de assassinatos de figurões da cúpula do Partido Nazista na semana da comemoração do 75º aniversário de Adolf Hitler e às vésperas da visita do presidente americano Joseph Kennedy à Alemanha, para tentar estabelecer tratados que pusessem fim ao clima de Guerra Fria existente entre as duas superpotências.

O investigador criminal da S.S. é o típico protagonista alemão dos enredos de Segunda Guerra Mundial escritos por autores americanos: um antigo herói de guerra, contrário aos princípios nazistas e incomodado por sua consciência. No clímax de *A Nação do Medo* esse protagonista é forçado a denunciar a farsa que se estabelecera sobre o desaparecimento de milhões de judeus, ciganos e outros *indesejáveis* à glória do Reich. À semelhança do romance, o prota-

gonista morre no final do filme. Contudo, ao contrário do clima sombrio do fim do romance, ao término do filme há uma mensagem de esperança cujo ponto principal é a atitude do filho do investigador, então completamente infectado pela doutrina da Juventude Hitlerista.

* * *

Série de TV Alternativa —

Estreou no Brasil há pouco tempo a série *Sliders*, a primeira tentativa séria (?) de se fazer um seriado de FC com temática de história alternativa. É a história de um inventor pós-adolescente que bem poderia concorrer ao prêmio de "Jovem Cientista Louco 1998". Assim como que meio de orelhada, o garoto constrói uma máquina capaz de abrir portais entre as várias linhas temporais.

No piloto da série, o jovem, sua quase namorada, seu professor de física favorito e um cantor de *soul music* para lá de gaiato naufragam numa LTA quando o dispositivo de navegação dimensional deles se avaria na primeira expedição do grupo. O quarteto vai parar numa América do Norte afligida por uma Era Glacial. Em viagem solo anterior, o jovem cientista louco havia visitado uma América onde Elvis Presley estava vivo até hoje...

No segundo episódio, os quatro naufragos vão parar numa América transformada numa ditadura comunista, emprestando seu apoio ao movimento de resistência ao regime, liderado pela análoga da quase namorada do jovem cientista naquela LTA. Do outro lado do front ideológico, o análogo do professor de física é um general comunista que comanda o presídio político da Costa Oeste.

Por estranha coincidência, um análogo também assume papel importante no terceiro episódio, numa LTA onde os E.U.A. estão sofrendo os efeitos de uma epidemia de gripe cujo grau de letalidade é muito superior ao da Aids. Os E.U.A. se transformam numa ditadura governada por uma elite médica numa tentativa extrema de controlar a disseminação da epidemia. O líder da resistência é justamente o análogo do prota-

nista, desta vez um jovem cientista louco da biologia e não da física...

Um análogo coadjuvante que aparece na maioria dos episódios é um motorista de táxi que o quarteto de protagonistas já aprendeu a empregar como termômetro para avaliar o quão diferente ou estranha é a nova LTA que estão visitando. Essa figura hilária é responsável por alguns dos momentos cômicos presentes em quase todos os episódios.

Com enredos demasiadamente centrados na realidade americana da Costa Oeste (todas as histórias se passam na área da Baía de San Francisco), a principal crítica à série *Sliders* nestes dois anos que ela vem sendo exibida nos E.U.A. é que com o tempo os episódios se tornaram repetitivos e pouco imaginativos. Uma pena. Por um lado, *Sliders* é mais uma idéia excelente desperdiçada. Por outro lado, para os apreciadores do subgênero a série continua sendo a única oportunidade de assistir com regularidade um programa cuja temática se assemelhe um pouco aos enredos de vários romances e contos de história alternativa.²

Sliders passa às 21:00h, no *Sábado Sci-Fi* do canal USA.

Comentários sobre os temas desta coluna escreva para Gerson Lodi-Ribeiro, Caixa Postal 34071 - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22462-90.

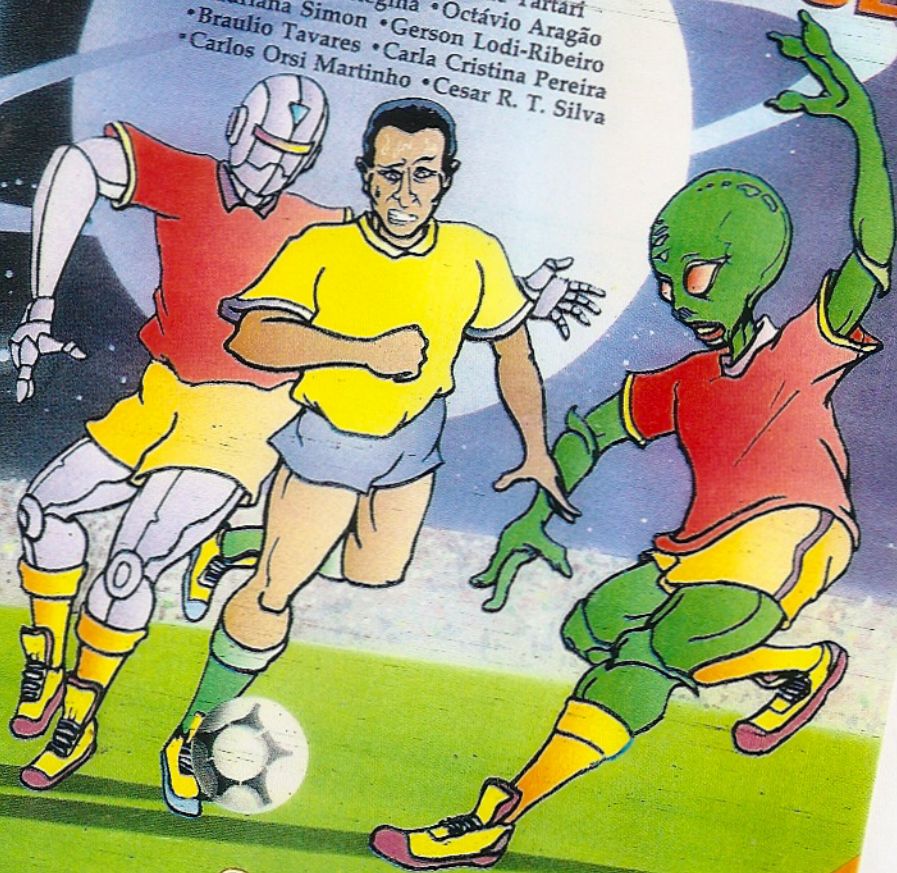
* Visite esta coluna no *Megalon Online*: <http://www.netium.com.br/fnol/megalon.htm> e a homepage: <http://www.netium.com.br/fnol/gerson.htm>.

². No episódio "Cidade à Beira da Eternidade" da série clássica *Jornada nas Estrelas* (roteiro de Harlan Ellison), NLT quase se transforma numa LTA quando uma líder pacifista retarda o ingresso dos E.U.A. na Segunda Guerra Mundial, dando tempo à Alemanha Nazista de concluir seus experimentos com água pesada e iniciar um projeto de construção de bombas atômicas. Com armas nucleares e foguetes V-2 para transportá-las, a Alemanha conquista o mundo. Tudo isto porque o Dr. McCoy havia salvo a vida de Edith Keller, a tal líder pacifista... Felizmente, Kirk & Cia. contribuem inadvertidamente para que a moça morra atropelada, preservando "a história como conhecemos"...

Conheça o Futebol do Amanhã!

Outras Copas, Outros Mundos

• Marcello Simão Branco
• Fábio Fernandes • Ataíde Tartari
• Ivan Carlos Regina • Octávio Aragão
• Adriana Simon • Gerson Lodi-Ribeiro
• Braulio Tavares • Carla Cristina Pereira
• Carlos Orsi Martinho • Cesar R. T. Silva



Ano-Luz



Prefaciado por

Telê Santana

Por apenas R\$ 18,00!

Editora Ano-Luz
Caixa Postal 375
09001-970 Santo André, Sp
e-mail: anoluz@hotmail.com
site: <http://www.fconline.net/anoluz>